

Histórias Infantis Cearenses: Experiências de Contar

(Manual para Dinamização)

Elisabeth Gomes Pereira Fireman (Org.)

Alda Vieira da Silva, Filomena Maria Lobo Neiva Santos, Germânia Kelly Furtado Ferreira, Joanna D'arc do Nascimento Tavares, Karine Pinheiro de Souza, Maria Amália Coelho Lopes, Maria Helena de Almeida Oliveira, Marta Maria Braide Lima, Nara Lúcia dos Santos Oliveira, Raimunda Ivelene Martins da Costa, Yedda de Aguiar Freire.



Ilustrações
Daniel Díaz

Copyright©2006 by Secretaria da Educação Básica do Estado do Ceará

Governador do Estado
Lúcio Gonçalves de Alcantara
Secretário da Educação Básica
Luís Eduardo de Menezes Lima

Secretária Adjunta da Educação Básica
Eloísa Maia Vidal

Secretária Executiva
Arleida Maria de Queiroz

Coordenadoria de Planejamento e Política Educacional
Zirlânea da Silva Gonçalves

Coordenadoria de Articulação e Gestão Educacional
Maria Marlene Amâncio Vieira

Coordenadoria de Monitoramento e Controle
Edson Seabra Júnior

Coordenadoria de Desenvolvimento Técnico-Pedagógico
Silvana Góis Viana

Unidade de Gerenciamento de Projetos
Edlourdes Pires Moura Coelho

Edições SEDUC

Coordenação Editorial
Eloísa Maia Vidal

Concepção e Organização da
Coleção:
Eloísa Maria Vidal
Fabiano do Santos

Revisão:
Fernanda Caldas

Equipe Técnica
Elizabeth Fireman
Jamila Karini Barros

Capa e Projeto Gráfico
Roberto Santos

Ilustração
Daniel Diaz

Editoração Eletrônica
Edições Bagaço



Este projeto conta com apoio do Acordo de Empréstimo Nº 4591/BR do Banco Mundial

C387h

Ceará. Secretaria da Educação Básica

Histórias Infantis Cearenses: Experiências de Contar (Manual para dinamização. / Organizadora: Elisabeth Gomes Pereira Firemam. – Fortaleza: SEDUC, 2006. 58p.

1. MODALIDADES DE TEXTOS NA LITERATURA INFANTIL. 2. POESIA – CRÔNICAS – CONTO CRIANÇAS. – 3. TEATRO INFANTIL – CORDEL. I. Firemam, Elisabeth Gomes Pereira. II. Título.

ISBN - 85-373-0168-X

CDU 372
CDD 37

Sumário

Apresentação	5
Baião de Letras	7
1 - Caminhos da Literatura Infantil	14
2 - Modalidades de Textos na Literatura Infantil	19
3 - Experiências de Contar.....	32
Poesia para Crianças	33
Crônica para Crianças	39
Conto para Crianças	43
O Teatro Infantil	48
Cordel para Crianças	53
Ficha Técnica	57

Apresentação

Livros não mudam o mundo
Quem muda o mundo são as pessoas
Livros só mudam as pessoas.

Estas frases do cabeçalho, eu li faz pelo menos 30 anos e guardei-as. Não lembro quem disse, mas concordo com as afirmações. Por sua vez, o nosso grande Monteiro Lobato dizia que "um País se faz com homens e livros". Homens e livros, livros e homens. Um dueto que nos remete diretamente para o lugar e a finalidade da educação.

Para que os livros mudem as pessoas é preciso antes de tudo que elas consigam lê-los. E como desenvolver o hábito de leitura? Talvez a solução mais simples seja a melhor: começando pelo começo. Começando pelas crianças.

As crianças na escola e professores com o firme propósito de ensiná-las a decifrar um conjunto de códigos que darão a chave para um mundo cheio de mistérios, aventuras e conhecimentos. Por que não estamos conseguindo atingir este objetivo? Nossas crianças estão chegando ao fim da 4ª série do Ensino Fundamental sem conseguir ler e escrever. Isso é grave. Muitas soluções já foram tentadas – livros na escola, através do Programa Nacional Biblioteca na Escola; livros adquiridos pelas escolas para os cantinhos de leitura e bibliotecas escolares; e outros. Os dados mostram que os resultados não foram tão alvissareiros. E agora, o que falta tentar?

A Secretaria da Educação Básica, conhecendo a situação e as soluções propostas até o momento, resolveu apostar no professor. Portanto, concebeu a *Coleção Baião de Letras* para você, professor. Comprometida com a cultura cearense e reconhecendo a importância de resgatar parte do patrimônio imaterial do Ceará, estruturou o projeto de forma que este contemplasse temas cearenses escritos por autores cearenses e ilustrados por ilustradores cearenses. Ao todo são vinte e cinco títulos de pura cearensidade.

Cada professor de 1^a e 2^a séries dos municípios beneficiários do Programa de Desenvolvimento da Educação Municipal (PRODEM) receberá uma coleção completa, incluindo um *Manual de Orientações Didáticas* sobre o uso dos diversos gêneros textuais contidos na *Coleção Baião de Letras*. Eles vêm acondicionados numa bolsa, e bem cuidados, serão conservados, por, pelo menos, 2 ou 3 anos.

Vinte e cinco livros permite que todo mês, uma criança esteja manuseando um livro diferente, operando com empréstimo em sistema de rodízio. Os textos dos livros poderão ser geradores de muitas atividades pedagógicas, como bem sugere o *Manual de Orientações Didáticas*. Cabe ao professor fazer um bom baião de letras, conduzindo as crianças pelo fantástico mundo da leitura.

A primeira coisa que o professor precisa fazer é ler todos os livros. Dado o primeiro passo, ler para os alunos passa a ser uma ação quase automática. E estimular os alunos a ler, eles mesmos, os livros, será a grande conquista, que definitivamente mudará as pessoas.

Eloísa Maia Vidal
Coordenadora Editorial

Baião de Letras:

Um prato cheio de histórias, de poesias e de mundos

Fabiano dos Santos¹

I

Baião de Luiz Gonzaga e baião-de-dois. Com eles dançamos a vida e nos alimentamos para crescermos nessa geografia cultural cearense, nordestina e brasileira. Aquilo que somos vem também do pedaço da terra em que vivemos. É como na canção *De onde vem o Baião* na voz de Gilberto Gil. Ele pergunta e nos responde, poeticamente, que o baião "vem debaixo do barro do chão".

A coleção de literatura infantil *Baião de Letras* parte desse mesmo sentimento. Ela também vem do barro de nosso chão. Tem a ver com os cantos e os contos do nosso lugar. O Ceará é cenário temporal e espacial em todos os textos da coleção, através de sua leitura poderemos sentir aromas, sabores, sons e paisagens dessa Terra da Luz. Não se trata, no entanto, de livros didáticos sobre o Estado. São textos que apenas tiveram como mote, como inspiração para seus autores – lembranças, sentimentos, pensamentos, lugares, pessoas, bichos, manifestações culturais que brotam e frutificam no barro do chão do Ceará – transformados em histórias e poemas que possam despertar o gosto pela leitura entre nossas crianças e educadores. Portanto, a coleção tem a ver com nossas vidas.

Outro elemento importante da *Coleção Baião de Letras* é a diversidade textual e imagética. Composta por gêneros literários e ilustrações diversas, a coleção envolveu vinte e cinco escritores e vinte e cinco ilustradores, que teceram palavras e cores com contos, poemas, crônicas, literatura de cordel e teatro infantil. Textos que nos possi-

¹ Fabiano dos Santos é escritor. Doutor em Educação pela UFC. Mestre em História pela PUC-SP. Coordenador de Políticas do Livro e de Acervos da Secretaria da Cultura do Estado do Ceará. Participou da concepção e organização da Coleção Baião de Letras.

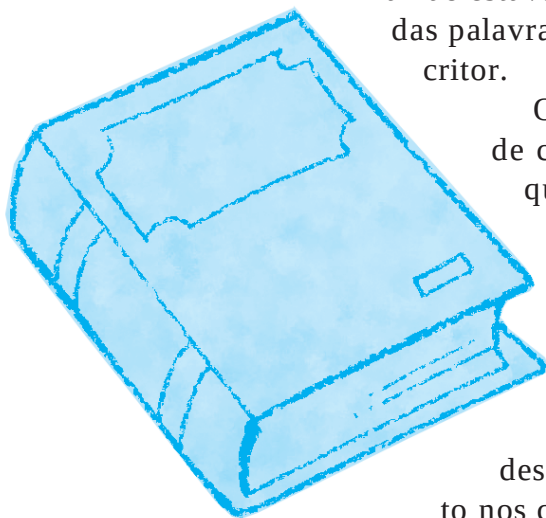
bilitarão exercícios de leituras de mundo e de compreensão leitora. Entendendo esse exercício como uma ação de desenvolvimento humano. Pois o livro é um instrumento de cidadania e de formação. Através dele podemos compor leituras de mundo, ampliar nossos conhecimentos, desenvolver a capacidade crítica e estimular a nossa imaginação criativa. Fazendo da leitura uma experiência de vida prazerosa desde a primeira infância. Criando entre nossas crianças ambientes favoráveis para a formação leitora.

A partir disso, penso que a convivência com a coleção *Baião de Letras* pode ser um encontro com a voz, a poesia e o universo. Como nas histórias que minha avó contava, nos contos que minha mãe lia, nos poemas que minha professora de alfabetização desenhava e nas leituras compartilhadas com meus filhos.

II

A minha avó veio antes de qualquer livro. Era ela quem nos contava as histórias do universo: de encantamento, de humor, de aventura, de trancoso, da bíblia, de sua própria vida. Minha avó era a maior escritora do mundo e eu estava ali, na barra do seu vestido.

Ela não estava por trás dos livros. Minha avó era a convivência das palavras. É que o contador de histórias vem antes do escritor.



O livro veio com a minha mãe. Pai sempre gostava de comprar as novidades das coleções dos livreiros que batiam à nossa porta. Minha mãe nos ensinou a ler com as fábulas e os contos de fadas. Lia para a gente dormir e para a gente acordar. Era no acalanto de sua voz que as histórias *Soldadinho de Chumbo* e *Negrinho do Pastoreio* ganhavam cores e movimentos na nossa imaginação. Já Irmã Jacinta, minha professora de alfabetização, desenhava bichos e florestas no quadro-negro enquanto nos contava uma história ou lia um poema de Cecília

Meireles. As letras e as palavras tinham vida no jeito que ela nos ensinava a ler e a escrever. Parecia que o mundo todo estava naquele jeito dela escolher um livro para compartilhar conosco e de como aquela leitura se misturava com o giz colorido que infestava de alegria o nosso aprendizado com o universo das letras.

Gosto de pensar a leitura como uma espécie de encontro vocal. A criança se relaciona com o escritor e vice-versa através de múltiplas vozes. A mãe lendo *De fio em fio a história se desfia* no chão da sala com as crianças. O pai deitado na cama com seu filho lendo *Titico achou um anzol* antes do sono e do sonho. A avó lendo *A Pedra Encantada* para uma penca de netos. A professora lendo *Sextilhas Abecedárias* para seus alunos. E a voz da própria criança, sozinha, debruçada sobre o mundo que sai das páginas de *Um Curumim*, *um Pajé* e *a lenda do Ceará*.

Nessa relação, o escritor é uma figura secundária. O que conta é a história e o que ela possibilita de diálogo e de leitura de mundo por parte do leitor. Gosto dessa relação porque abala a idéia da autoria centrada na figura do escritor e coloca a leitura como uma experiência de viagem e de descoberta interior. Podemos sentir isso no belo poema *Infância* de Carlos Drummond de Andrade:

*Meu pai montava a cavalo, ia para o campo.
Minha mãe ficava sentada cosendo.
Meu irmão pequeno dormia.
Eu sozinho menino entre as mangueiras
lia a história de Robinson Crusoe.
Comprida história que não acaba mais.
No meio-dia branco de luz uma voz que aprendeu
A ninar nos longes da senzala - e nunca se esqueceu
Chamava para o café.
Café preto que nem a preta velha
café gostoso
café bom.
Minha mãe ficava sentada cosendo
olhando para mim:
- Psiu... Não acorde o menino.
Para o berço onde pousou um mosquito.
E dava um suspiro... que fundo!*

*Lá longe meu pai campeava
no mato sem fim da fazenda.
E eu não sabia que minha história
era mais bonita que a de Robinson Crusóe.*

O que conta não é apenas o mundo que o escritor pensou, mas o mundo que o leitor pode criar e escrever. O mundo e a história que a criança pode construir inspirada n'alguma fábula, conto ou poema. Ao escritor, resta o ofício de criar metáforas, afirmando sua função de contador de histórias como uma necessidade para manter a infância do mundo. A obra de Monteiro Lobato é uma expressão desse sentimento. Ela vem atravessando a nossa infância ao longo de muitas gerações.

A literatura infantil não é uma literatura menor nem uma arte pedagógica. Jamais pode ser confundida com uma produção de cunho didático. Ela é uma arte literária que pode despertar na criança o gosto pela leitura como um prazer infinito.

A literatura infantil é uma arte poética. Talvez, seja essa a maior virtude de um escritor. Perceber que a relação mais íntima com seu leitor não ocorre no contato físico e direto, mas através da poesia, da sensibilidade e do sentimento das palavras. É uma relação quase silenciosa, por vezes amorosa e misteriosa. Uma espécie de abracadabra. Dá-se através do acesso e da descoberta de uma linguagem da infância. Aquela que nos faz conversar com o passarinho, o gato, a pedra, o vento, a água, a boneca e até com o invisível. Mas a gente vai crescendo e esquecendo, perdendo ou negando essa linguagem. Penso que para poder se relacionar com o universo da criança, o escritor e o professor têm que resgatar essa sensibilidade verbal da infância.

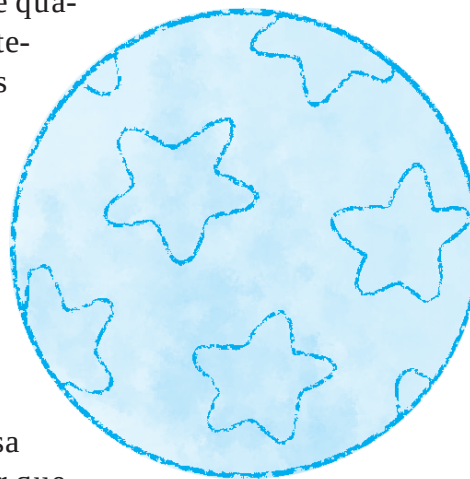
A partir disso, podemos pensar a leitura como um encontro poético. Mas poesia é transformar uma coisa em outra. Alvorada é despertar de cores, água é o espelho da terra, bosque é a morada das fadas, chuva é xixi de anjo, dança é o vôo do humano, noite é o esconderijo do sol, paz é passarinho na alma de gente, montanha é camelo descansan-

do ao sol, nuvem é dragão, rio é serpente, libélula é helicóptero beliscando a flor da água, árvore é Francisco conversando com os pássaros, boca é porteira das palavras...

A criança também experimenta o mundo através da leitura. Assim sendo, gosto de pensar a leitura como uma **descoberta do mundo**, do outro e de si mesmo numa viagem de formação. Um bom livro não é aquele que traz um mundo interpretado para ser assimilado pela criança. Um bom livro é aquele que propicia inúmeras leituras, que faz a criança viajar em mil possibilidades e transformar as coisas ao seu redor. Um bom livro é aquele que dispõe a leitura como uma experiência da diversidade, da alteridade, da transformação. Mas isso não depende apenas do escritor. Tem a ver com a maneira como pais e professores vivenciam a leitura com as crianças e como extraem o mundo que mora no interior das palavras.

III

Extrair o mundo que mora dentro das palavras. Eis uma bela possibilidade que podemos realizar através da *Coleção Baião de Letras*. Vocês, professores, têm em suas mãos, livros de qualidade literária e gráfica para despertar o gosto e o interesse pela leitura e pela escrita com seus alunos. Pois aprender a ler é um momento mágico na vida da gente. Porém, tornar-se um leitor para a vida inteira é uma conquista de cidadania e de formação humana que não tem preço. Por essa razão e sentimento, devemos sempre levar em conta a dimensão do afeto, do amor e da alegria nessa aprendizagem, não esquecendo que, para despertamos o interesse pela leitura entre nossos alunos, é mais que necessário que, nós professores, tenhamos essa convivência prazerosa em nossas vidas. Afinal de contas, como um professor que não gosta nem de ler nem de escrever vai despertar em seu



aluno o gosto e o interesse pela leitura e pela escrita? Para formação de alunos leitores, antes de tudo, professores leitores.

Está aí, então, a *Baião de Letras*. No ritmo do velho baião nordestino. Fazendo-nos imaginar a leitura como uma festa popular. O livro ao alcance de todos para que possamos cantar, dançar e brincar com o universo das palavras de corpo inteiro. Lembrando-nos que podemos ensinar e aprender com alegria e afeto. Está aí a *Baião de Letras*: um prato cheio de histórias, de poesias e de mundos que pode ser tão saboroso como o velho baião-de-dois cearense. Fazendo-nos pensar a leitura como alimento do espírito, para que possamos crescer numa aventura de formação humana. Despertando em nós o sabor e o gosto da leitura. Possibilitando aos nossos alunos a descoberta dos livros, para que juntos possamos chegar à literatura como chegamos à vida e ao mundo real e possível. Para que os livros de poesia, conto, romance, crônica, cordel, teatro possam ser uma vivência constante e feliz nas vidas de nossas crianças e jovens, exercitando nelas o prazer da leitura e da compreensão leitora e de mundo.

O que estou querendo dizer com isso? Simples. Não transformem essa coleção literária em tarefas e deveres enfadonhos. Não transformem a leitura em obrigação. Façam dela uma experiência que possa tocar nos corações de cada leitor como um sopro de vida. Quem atravessa um bom livro, atravessa o mundo. Leiam os livros com seus alunos através de leituras compartilhadas e de atividades educativas, imaginadas e planejadas no sentido da formação e da compreensão leitora, de maneira poética, lúdica, prazerosa e vivencial. Leiam também os livros em casa, junto com os filhos, o marido, a esposa ou mesmo sozinho, debruçando-se num final de tarde de domingo por entre suas páginas, letras, cores e mundos.

No mais, quero soprar em seus corações, que esses livros devem ser manuseados e folheados. Gastos pelas impressões digitais de nossos dedos e pelas asas de nossa imaginação. Gastos pelo tempo. Que eles possam, então, realizar travessias e encontros entre a literatura e a vida de cada leitor. Que sejam lidos de corpo inteiro.

Com os olhos e com a boca, com os ouvidos e com o nariz, com as mãos e com os pés. Pois as palavras têm cores e sabores, sons e cheiros, peles e texturas. Que possamos, portanto, cada criança e cada professor, experimentar o poder encantatório e transformador da palavra que nos atravessa com seus mundos, penetrando nossa razão e sensibilidade.

Sendo assim, reforço a idéia de que a *Coleção Baião de Letras* pode nos fazer cantar e dançar no universo da leitura, tal qual um velho baião de Luiz Gonzaga, bailando o mundo com o corpo inteiro. Pode ser um alimento do espírito tão bom como um baião-de-dois cozinhado num fogão a lenha em qualquer casa do Ceará, posto na mesa para o almoço, para a gente partilhar esse banquete literário numa conversa bem gostosa sobre as coisas do mundo e da vida.



1 **Caminhos da** **Literatura Infantil**

Caminhos da Literatura Infantil

Elisabeth Gomes Pereira Fireman

*Excelentíssimas crianças,
Se eu fosse vocês, a primeira coisa que pediria à professora, ao entrar na sala de aula, pela manhã, seria: Professora, leia uma história para nós?
Não existe melhor maneira de começar um dia de trabalho!
E no final do dia, quando a noite chega, meu pedido ao adulto mais próximo seria: Por favor, conta uma história para mim?
Não existe melhor maneira para escorregar nos lençóis da noite.
Mais tarde, quando vocês já forem grandes, lerão para outras crianças aquelas mesmas histórias.
Desde que o mundo é mundo e que as crianças crescem, todas estas histórias escritas e lidas têm um nome muito bonito: literatura.*

(Pennac, 1999)

Era uma vez um país tropical chamado Brasil que, em 1808, a partir da chegada da Corte Portuguesa, teve acesso à presença de uma admirável tecnologia – o livro. Nessa época, o acesso ao livro era regalia das elites. Sendo conhecedora da importância do livro para as sociedades letradas, a aristocracia portuguesa recém instalada no Brasil tratou de organizar um importante acervo literário e, logo em seguida, criou a Imprensa Régia. Contudo, foi lento o desenvolvimento do país nessa área. Somente no século XIX, foi criada a primeira editora brasileira, a *Companhia Editora Nacional*, idealizada por Monteiro Lobato, considerado o pai da literatura infantil no Brasil.

Lobato dedicou-se às crianças deixando uma obra de inigualável qualidade que compõe o acervo educacional e cultural da literatura infanto-juvenil. Sua obra é mágica, instigadora, excitante e divertida. Tudo isso estimula a criança a pensar, a exercitar o imaginário, transformando o ato de ouvir histórias numa grande descoberta. O ato de ouvir estimula o ato de contar e com isso a criança se desenvolve e

Monteiro Lobato nasceu na cidade de Taubaté, interior de São Paulo, no ano de 1882. Formado em Direito, atuou como promotor público até se tornar fazendeiro, após receber herança deixada pelo avô. Diante de um novo estilo de vida, Lobato passou a publicar seus primeiros contos em jornais e revistas.

Obras de Lobato
O Sítio do Pica-Pau
Amarelo, A Menina do
Nariz Arrebitado, O Saci,
Fábulas do Marquês de
Rabicó, Aventuras do
Príncipe, Noivado de
Narizinho, O Pó de
Pirlimpimpim, Reinações
de Narizinho, As Caçadas
de Pedrinho, Emília no
País da Gramática,
Memórias da Emília, O
Poço do Visconde, O Pica-
Pau Amarelo, A Chave do
Tamanho.

Charles Perrault (1628 –
1703), advogado e supe-
rintendente do rei da
França, foi o primeiro autor
a escrever especialmente
para as crianças. Ao
aposentar-se, Perrault
transformou contos do
folclore popular em históri-
as infantis. Os mais
conhecidos são: A Bela
Adormecida, Barba Azul, O
pequeno Polegar, O Gato
de Botas.

passa a ver nos livros os guardiões de grandes segredos, mistérios e saberes. O real e o imaginário se misturam estimulando cada vez mais o desenvolvimento da inteligência.

Com o tempo, meninos e meninas viram homens e mulheres, atores e autores da cultura de sua sociedade. Na tessitura das gerações que se sucedem, o universo oral e o escrito dialogam e seus registros – em forma de livros – vão contribuindo para formação de outras crianças.

A literatura infantil teve sua origem na Europa, ao final do século XVII, com a publicação dos *Contos da Mamãe Gansa* de Charles Perrault. O gênero literário aristocrático retratava os padrões morais da França de Luís XIV, sendo proveniente de narrativas orais dos contos populares de magia dos camponeses.

Um século se passa e aparecem os irmãos Grimm com um novo jeito de narrar os contos de fadas, baseados em princípios nacionalistas da Alemanha romântica do século XIX. Mais vinte anos transcorrem e o dinamarquês Hans Christian Anderson, considerado o criador da literatura infantil romântica, publica mais de duzentos contos infantis com base na cultura popular nórdica.

A literatura infantil, em seu caminho universal, chega ao Brasil no século XIX através de traduções portuguesas de difícil compreensão para as crianças da época. Foi então, que o brasileiro Alberto Figueiredo Pimentel, em 1894, resolveu publicar livros infantis, a exemplo, os *Contos da Carochinha*. Em seguida, Monteiro Lobato aparece fortalecendo, revolucionando e renovando os alicerces da literatura para crianças. A literatura infantil fez seu percurso através de idéias e valores próprios de cada autor, caminhando magicamente e instigando a curiosidade de um público ávido de aventuras e descobertas.

A proliferação de obras e autores começa a exigir que sejam estabelecidos critérios de seleção para os títulos produzidos. Esse processo passa a ser realizado pelos educadores, pelos pais e pelas próprias crianças.

De acordo com Pennac (1993), cada leitor é um ser único, pois não se formam leitores em série. A leitura de um texto pode ser partilhada em conjunto, entretanto, os efeitos causados são específicos da vivência de cada ser, acenando para a libertação do imaginário e estimulando a participação deste na história, isto é, no "exercício lúdico de ler o mundo" (Miguez, 1999, p. 18).

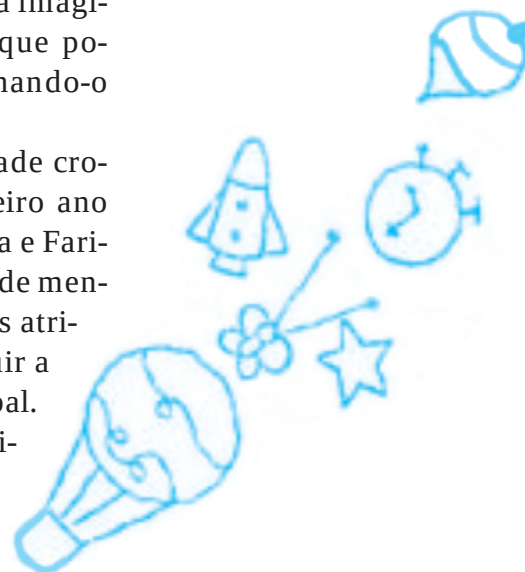
À escola cabe a tarefa de facilitar o acesso à literatura de qualidade, viabilizando a integração entre o livro e a vida para que as crianças despertem o gosto pela leitura e consigam ver e viver a vida com prazer.

Ler é descobrir nas entrelinhas de um texto os significados, isto é, decodificar sinais gráficos e sons, compreendendo os conteúdos desse texto. Nesse sentido, espera-se que o professor esteja preparado para incentivar o hábito da leitura de acordo com o desenvolvimento da linguagem da criança.

Desde bebê, a criança utiliza a linguagem para se comunicar. Contudo essa ação é mais do que uma simples comunicação, pois estimula os processos cognitivos do ser humano. De forma resumida, pode-se dizer que a linguagem propicia o registro de informações, a organização de ações e do pensamento lógico, o controle ou influência sobre a conduta, a construção de conhecimentos, a imaginação, a criação, possibilitando formas de representações que podem inserir e integrar o homem em sociedades diversas, tornando-o autor de sua própria história.

A linguagem da criança evolui de acordo com sua idade cronológica e experiências vivenciadas. Assim, desde o primeiro ano de vida, torna-se importante criar situações de "escuta" (Silva e Farias, 2000) para desenvolver capacidades como a compreensão de mensagens que lhes são dirigidas, estabelecer a relação de nomes atribuídos a objetos, pessoas e fenômenos, assim como, substituir a comunicação feita através de gestos pela comunicação verbal. Sugere-se, portanto, iniciar a leitura de histórias infantis (situação de "escuta") a partir dos seis meses, pois com essa idade o bebê já pode sentar e manipular livros de material

Os irmãos Jacob (1785 – 1863) e Wilhelm Grimm (1786 – 1859) eram alemães. Após a morte dos pais começaram a viajar muito a trabalho. As histórias que as pessoas contavam deram aos irmãos a idéia de escrevê-las. As mais famosas são: Chapeuzinho Vermelho, Rapunzel e Branca de Neve e os Sete Anões.



*Hans Christian Andersen
(1805 – 1875) viveu na
Dinamarca e vinha de uma
família muito pobre.
Adorava as histórias
contadas pelos homens
que eram pobres e ficaram
ricos. Escreveu cerca de
156 contos, que foram
traduzidos em mais de
cem idiomas. Dentre eles:
A roupa nova do impera-
dor, O patinho feio e a
Pequena Sereia.*

*Ah, como é importante
para a formação de
qualquer criança ouvir
muitas, muitas histórias...
Escutá-las é o início da
aprendizagem para ser um
leitor, e ser leitor é ter um
caminho absolutamente
infinito de descoberta e de
compreensão do mundo...
(Fanny Abramovich)*

resistente com figuras bem coloridas, fazendo assim a ligação da fala das pessoas com os objetos que lhe são apresentados.

Respeitando a faixa etária da criança, pode-se inserir em sua vivência a linguagem escrita. Isto significa trabalhar, não somente, com a história contada, mas com a história lida, a leitura dos livros respeitando o texto do autor, ou seja, a leitura do texto feita na íntegra. O que na história contada funciona de forma diferente, pois com a presença de um interlocutor se costuma utilizar termos tipo *né?* ou *não é?* para facilitar a interação com uma suposta platéia. Outra situação que diferencia a história lida da contada é a interrupção do texto original para se introduzir expressões próprias ou até regionais como: (...) *e o lobo comeu a vovozinha! Vixi, Maria!* Na história escrita, não se percebe essas expressões, pois o texto escrito segue regras gramaticais.

Todavia, o mais importante é que as crianças possam compreender a linguagem oral e a linguagem escrita, através de momentos constantes de contação de histórias narradas e escritas, ou seja, ter o acesso à literatura infantil para ampliarem, mais facilmente, o vocabulário, compreenderem as situações de vida, enfim, desenvolverem o raciocínio e se tornarem leitores por excelência.

Referências Bibliográficas

- BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação a Distância. TV Escola. Boletim Salto para o Futuro: Linguagens e Sentidos. Brasília, DF: MEC / SEED, 2001.
- _____. Ministério da Educação. Secretaria de Educação a Distância. TV Escola. Boletim Salto para o Futuro: Leituras do Brasil. Brasília, DF: MEC / SEED, 1999.
- COELHO, Betty. Contar Histórias: Uma arte sem idade. 10 ed. São Paulo: Ática, 2004.
- MIGUEZ, Fátima. Lendo o mundo nas páginas da literatura infantil. In: BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação a Distância. TV Escola. Boletim Salto para o Futuro: Leituras do Brasil. Brasília, DF: MEC / SEED, 1999.
- PENNAC, Daniel. Como um romance. Rio de Janeiro: Rocco, 1993.
- SILVA, Fátima Sampaio; FARIAS, Maria Cílvio Queiroz. Linguagem na Educação Infantil. Fortaleza: SEDUC, 2000.

A stylized illustration of a face with a book for a mouth, surrounded by swirling lines and a blue background. The face is white with blue outlines, featuring a flower for an eye and a small blue circle for a nose. The mouth is an open book with pages visible. Swirling blue lines emanate from the face, filling the upper half of the image. The background is a solid blue color.

2 Modalidades de Textos na Literatura Infantil

Modalidades de Textos na Literatura Infantil

Karine Pinheiro de Souza

*Gosto de ouvir
história assim,
que comece
num país longe daqui.
Que tenha aflição no meio
E um bom fim.
(...) se você souber
uma história assim...
Conta pra mim...
(Alba de Castro Toledo)*

Viajaremos pelo mundo da literatura infantil com base na realidade nordestina, mais especificamente do povo cearense, levando, em verso e prosa, seus causos, fatos, lendas, misturando prosa e poesia com jeito de quem está sempre criando arte pelos cantos.

A literatura reflete as relações do homem com o mundo e com seus semelhantes e, como tudo está em constante transformação, é sensível às peculiaridades de cada época, aos modos de encarar a vida.

Num mundo de signos escritos, a literatura ocupa um lugar fundamental na busca de sentido para as experiências da infância. Lembremos, por exemplo: quando um adulto conta uma história para uma criança, através dos olhos da criança, vê renascer em si aquela criança perdida recuperando os desejos adormecidos. Da mesma forma, a criança imagina e viaja pelo mundo da leitura, traduzindo-se em prazer.

Nas produções literárias infantis temos que nos munir do desejo e da vontade de ler e viajar pelo mundo de encantamento que a leitura nos propõe. No intuito de auxiliar nossos estudos sobre os textos

*O **Gênero** refere-se a formas típicas de enunciação faladas ou escritas que se realizam em condições e com finalidades específicas em diferentes momentos de interação (Bakhtin, 1992).*

infantis, teremos como prisma as concepções de gêneros textuais, levando em conta que os textos são construídos de acordo com nossas práticas sócio-históricas. Nosso objetivo não será destacar apenas características estruturais, mas também interativas, pragmáticas, sócio-comunicativas, uma vez que cada texto se integra funcionalmente de acordo com a cultura na qual se desenvolve.

É importante que o leitor se reconheça no que lê. Reconheça seus costumes, atos, vocabulário, o mundo em que vive. Nesse sentido, é fundamental que o professor reconheça o texto literário como um instrumento valioso para trabalhar esses elementos da cultura. Neste aspecto, prover o espaço infantil com histórias de sua terra e poemas que refletem seu contexto é condição essencial para motivar a criança ao desejo de aprender sua história.

Atualmente, o acervo da literatura infantil é composto por duas dimensões: de um lado, a literatura infantil concebida especialmente para a criança e de outro, histórias populares orais contadas para adultos e crianças que são, muitas vezes, adaptadas. Na literatura infantil cearense, dispomos de um amplo conjunto de produções, muitas vezes, transmitidas oralmente, através dos séculos, até fixar-se por escrito.

Quando alguém diz ou escreve, "era uma vez...", a história ganha vida de uma forma mágica, onírica, faz surgir imagens que traduzem os fatos contados e que nos envolvem no contexto de forma fantástica. Parecem com sonhos e nos transportam para um mundo onde tudo pode acontecer. Assim, a realidade se transforma.

De repente, animais falam, o protagonista supera todas as dificuldades e transforma sua realidade, como no texto *Titico achou um anzol* de Flávio Paiva da *Coleção Baião de Letras*:

... eu deixaria a Garça e o Martin-Pescador de fora. Eles se alimentam de peixe e vai que no meio do vôo eles não agüentam e comem nosso amigo Peixão – reflete Titico.
(Flávio Paiva – *Titico achou um anzol*)

Os gêneros contribuem para ordenar e estabilizar as atividades comunicativas do dia-a-dia. São entidades sócio-discussivas, eventos textuais maleáveis, dinâmico e plásticos. Diferente do trabalho com tipologia, observa o texto pelos aspectos funcionais e não em seus aspectos tipológicos estruturais como: narrativo, dissertativo, injuntivo, expositivo, emotivo (Marcuschi, 2002).

Os gêneros não são instrumentos estanques e enriquecedores da ação criativa, são maleáveis, dinâmicos, com ausência de rigidez. A questão da intertextualidade intergênero evidencia-se como uma mescla de funções e formas de gêneros diversos num dado gênero, tem uma configuração híbrida isto é, mesclam-se (Marcuschi, 2002)

Pluft! Garotos pobres e franzinos transformam-se em heróis que desempenham façanhas incríveis!... Neste mesmo contexto, lembremos de um clássico como a narrativa do *Pequeno Polegar*. O herói é pequeno, no entanto, ele é quem tira a família da miséria.

Na vida real, as crianças vivem momentos difíceis. A literatura infantil ajuda na identificação dos dilemas e sofrimentos infantis. Nessa identificação, a criança se reconhece no dilema do personagem, vivencia o *status* de transformação, além de ampliar as possibilidades de criação do seu mundo e a crença de que também pode modificar sua realidade.

Falar da imaginação para o coração. Essa é a marca da literatura infantil que recebeu forte influência das histórias clássicas. Ao ler uma história, sofremos com os vilões e lutamos com os heróis, o sorriso e as lágrimas fluem, a cada página um novo mundo se constrói a nossa volta e nos distanciamos da realidade. Viajaaaaaamos! Recriaaaaaamos!

O que não podemos é destruir o poder dessas histórias, esmiuçando-as ou ridicularizando-as. As histórias infantis devem continuar cheias de mistérios... com todos os seus significados ocultos... E cada vez que contamos a magia cresce... ressurgem. Tudo é muito envolvente e mágico!

Ao analisar gêneros literários infantis, devemos estar atentos aos aspectos comunicativos, cognitivos, funcionais e a algumas particularidades estruturais, assim como observar a utilização que cada

texto pode ter diante do nosso contexto educacional, ou seja, relacionar cada fábula, conto, crônica, poema, teatro e cordel ao seu poder de utilização.

Destacamos também a importância dessa diversidade de gêneros para podermos aprofundar a relação da criança com a literatura e com o uso do texto em seus aspectos sociais. Os textos materializados demonstram, muitas vezes, nossa vida diária. Ao nos apropriarmos de um gênero, apropriamo-



nos do modo como realizá-lo em situações sociais particulares. Isso é fundamental para a inserção dos seres humanos em suas atividades comunicativas.

Os gêneros textuais são como famílias de textos com uma série de semelhanças. Podem unir-se e mesclar-se. Essa é uma característica de textos que traduzem uma configuração híbrida. Um exemplo disso é o texto *A Raposa e o Cancão* de Arievaldo Viana, no qual temos características de dois gêneros: cordel e fábula. Essa situação configura a natureza de intergêneros, em que o cordel faz alusão à metáfora da raposa e do pássaro, na qual os animais são personificados com ações humanas, característica da fábula. O texto inspira-se numa linguagem poética, cria uma mescla de gêneros e suas funções e, ao fazer um paralelo com o contexto sócio-cultural, permite que a fábula seja contada na estrutura de cordel.

Observe:

Gostava de contar fatos
Da vida de Lampião,
Muitas lendas populares
Narrava com perfeição
Para nós era uma festa
Quando ele contava esta
Da Raposa e do Cancão
(Arievaldo Viana – *A Raposa e o Cancão*)

Na literatura infantil, o contato com vários mundos e elementos de diversas culturas – através do entretenimento, da beleza estética e da conexão com o mundo mágico – facilita a criança sentir prazer. *A Coleção Baião de Letras* é um exemplo para o professor iniciar o despertar do prazer da leitura e ampliar os horizontes de nossas crianças, além de retratar a alma cearense e estimular o poder de sedução e criação de novos sentidos.

Com base nos textos da coleção citada classificaremos alguns gêneros da literatura, de acordo com situações funcionais, estilo, composição e conteúdo. Destacamos que nesse trabalho com os gê-

*Os percursos das fábulas
levam o leitor a um mundo
de fantasia e imaginação
<http://www.metáforas.com.br>*

***Cordel:** poemas impres-
sos em forma de um
pequeno livreto.*

neros literários o importante é a arte, a diversidade, a adequação, cada gênero com suas especificações e suas estruturas textuais, algumas mais rígidas, outras mais maleáveis. Enfim, o mais peculiar é o significado histórico-cultural.

Histórias de trancoso, assombração, lendas, poemas, cordéis fazem parte da cultura popular cearense e invadem nossos corações, podendo ser contadas nas calçadas, nas redes de dormir, sob a luz do luar no terreiro, bem como na sala de aula.

Vamos conhecer!

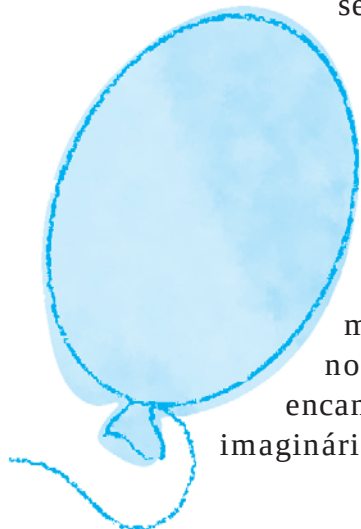
Conto

As crianças, ao lerem ou escutarem "Era uma vez ...", enchem-se de curiosidade. Uma história será contada!

O **conto** traduz fatos inventados ou não e traz, em sua essência, personagens reais ou imaginários dentro de um contexto de espaço e tempo. Tem origens antigas e, por ser inerente à natureza humana, adquire inúmeras roupagens com o passar do tempo, resultando na assimilação de outros gêneros, o que dificulta a sua classificação.

Nos contos de fadas destacam-se momentos fantásticos, em que se cruzam personagens de um mundo terreno, mas indeterminado, como a índia, o padre, a menina, com os de um mundo irreal e genérico, as fadas. Os personagens vinculados ao mundo terreno sempre alcançam o bem-estar após diversas provas e conflitos.

Uma das características primordiais do conto de fadas é a justiça infalível – há sempre generosas recompensas para os bons e severos castigos para os maus. A leitura dos contos de fadas nos faz acreditar no poder e existência das criaturas fantásticas, nos encantamentos e tem o poder de nos envolver no mundo imaginário.



O conto pode ser narrado na 1ª ou 3ª pessoa. Em sua estrutura, os narradores podem posicionar-se de diversas maneiras, tanto como observadores, que apenas contam o fato sem participação, ou como personagens, que podem fazer parte da história.

Patativa voltou para sua terra. Seus poemas e seu canto voltaram a ser felizes, seu vôo ganhou alturas
(Társio Pinheiro – Patativa do Assaré)

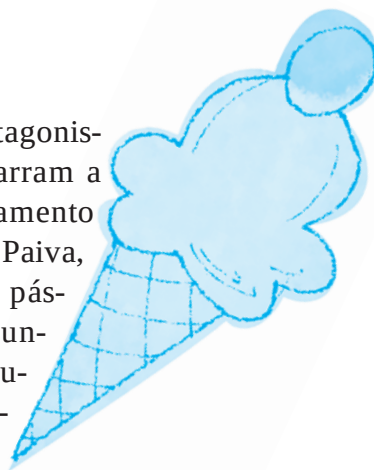
Nesse trecho do conto *Patativa do Assaré* de Társio Pinheiro, o narrador/observador situa o personagem no cenário agreste, revelando a esperança, característica do povo nordestino. Assim, os fatos irão se estruturando em algumas partes com: apresentação, complicação, clímax e desfecho. A magia do homem pássaro nos comove do começo ao fim.

Fábula

As **fábulas** são narrativas curtas que têm como protagonistas animais que assumem ações humanas. Os relatos narram a astúcia, a estupidez ou a relação dos animais ao comportamento humano. Observe a fábula *Titico achou um anzol* de Flávio Paiva, os bichos do nosso contexto cultural – preás, tatus, pebas, pássaros e peixes – misturam-se numa grande aventura para juntos ajudar aos amigos em momentos difíceis. Nessa aventura, relatam seus medos, suas felicidades, aflições e coragem, que são características do pensamento humano:

Ei, Sapinho! Pode vir que a gente dá um jeito de dividir o espaço do balde – volta atrás o peixão com um certo remorso.
(Flávio Paiva – *Titico achou um anzol*).

Histórias que nasceram na Idade Média e que satirizam o comportamento humano estão presentes até hoje. Iniciaram-se com Esopo e, através dos séculos, vêm sendo adaptadas por meio da personificação.



As fábulas propõem uma reflexão moral normalmente explícita e suas metáforas não deixam de encantar a todos em cada leitura. Muitas fábulas modernas têm intenção humorística e podem sofrer muitas adaptações, assim como suavizar a crítica, ridicularizar, distanciar ou aproximar a realidade.

Lenda

As lendas mobilizam nossa imaginação, colocando figuras de um mundo fantástico, como o saci-pererê, em acontecimentos concretos, situando-as como verídicas. Apresentam características realistas, sobrenaturais ou religiosas, como no texto *Galinha Choca* de Gilmar Chaves, no qual o autor comenta a lenda da galinha que ao botar o ovo gerou o açude do Cedro.

No dia em que botou o ovo, ele quebrou e formou o açude do Cedro, que D. Pedro II veio inaugurar, lá nos tempos em que o Brasil ainda tinha rei.
(Gilmar Chaves – *Galinha Choca*)

Lendas passam de pais para filhos, são causos que o povo conta, traduzem o imaginário popular onde nem mesmo duvidamos da sua veracidade.

Cordel

O Cordel em nosso dias
continua a viver
com a tecnologia
aprendeu a conviver
deixou de andar na feira
ele nunca vai morrer
(Maria Rosário do Lustosa Cruz)

Cordão, nome que deu origem à literatura de cordel. Literatura de cordel porque os pequenos folhetos com versos sobre temas relacionados ao folclore nacional, recitados ou cantados pelos poetas violeiros eram pendurado em cordões e vendidos nas barracas de feiras livres.

O Cordel tem características próprias da poesia (literatura popular em versos, presença do mote, pode ter estrofes em sextilhas, rimas alternadas), entretanto também se caracteriza como uma narrativa, pois possui todos os elementos do cunho narrativo (personagens / narrador / enredo / espaço / tempo).

Cordelistas, assim são chamados os poetas que divulgam valores culturais regionais nos folhetos, que tem na capa xilogravuras de acordo com a temática, que podem ser sobre fatos verídicos ou inventados. Dentre os grandes cordelistas, destacamos Patativa do Assaré, poeta cearense que se revelou "ave" e fez o canto cearense viajar pelo mundo, contando causos do seu povo, mostrando a riqueza e a diversidade cultural, por meio da arte milenar da oralidade e da escrita popular.

No Cordel *O Pulo do gato* o autor brinca nas suas sextilhas, com um animal presente no cotidiano infantil e nos leva a uma reflexão.

A onça se foi e o gato
Seguiu noutra direção
E essa estória engraçada
Nos deixa uma grande lição
"Quem mostra tudo que sabe,
Não é mestre, é bobalhão!
(Antônio Klévisson Viana – *O pulo do gato*)

Teatro

A necessidade do homem para refletir, de forma dramática, acerca das grandes questões da sua existência, deu origem à ação teatral. No texto teatral, além do destaque aos personagens, também se evidencia o espaço e o tempo, que estão sempre enquadrados na ação. Para o desenvolvimento do



espetáculo teatral, são necessários componentes humanos (personagens, narrador) e técnicos (cenários, ritmo de marcação, espaço, tempo).

No teatro, podem ser gerados diversos gêneros: drama, comédia, farsa, ópera etc. E no aspecto infantil, podemos destacar o brinquedo, títere (bonecos) ou marionetes que introduzem a criança no mundo da encenação.

Os textos teatrais podem ou não dispensar os narradores, possuem os mesmos elementos da narrativa, apresentam discurso direto e identificam o nome das personagens antes de cada fala. O texto também possui indicações para a situação de cena, atitude corporal, entonação, ou seja, explicações de interpretações e movimento.

O que não pode ser esquecido em qualquer arte dramática, inclusive no teatro infantil, é a questão da harmonia entre texto, coreografia e encenação, isso para que a linguagem crie sua cor e forma dando vazão à imaginação da criança.

No teatro infantil, encontramos a mesma estrutura da arte teatral, a ação dos personagens, geralmente divididos em cenas que geram um instrumento de prazer. Ressalta-se também a adequação da temática para determinada faixa-etária. A obra deve suscitar desejos, necessidade de representar os personagens, vencer e ultrapassar os inimigos. Do ponto de vista receptivo, a criança projeta-se na encenação.

O movimento, a festa, o jogo da dramatização atrai a criança para esse mundo mágico, que se identifica no mundo representado. Um exemplo é o texto *Apagando a natureza* de Ângela Escudeiro, com elementos que representam a problemática da poluição ambiental, personagens metafóricos – materiais escolares como a Senhora Borracha e Lapiscínio – que representam a ação humana e nesse espaço lúdico propõem uma reflexão sobre o seu cotidiano.

Verde Verdinha: – Valeu Senhora Borracha!
Enfim, estamos livres do Cinza e... Não era me
livrar da cor cinza e sim, convencê-lo a usar sua
cor com equilíbrio, sem destruir a natureza...
(*Apagando a natureza* – Ângela Escudeiro)

Crônica

Os textos jornalísticos viram literatura e assim nasceu a crônica. Feita para a publicação efêmera do Jornal, suas características são peculiares aos dois gêneros, que resulta numa visão pessoal, sobre um fato do cotidiano, colhido num jornal ou noticiário. Explora o humor, mescla gêneros, faz poesia de coisas que podem ser configuradas como banais ou insignificantes.

Num tom artístico, a crônica na literatura infantil consiste em textos leves e curtos, entretanto é diferente de uma notícia de jornal, pois não tem o caráter tipicamente informativo, e sim literário, além de poder apresentar todos os elementos básicos da narrativa. Pode também contar fatos do cotidiano de forma inventada, criando personagens, muitas vezes, dando humor à história.

Vejamos no texto de Tarsio Pinheiro.

Lembram-se da história da Arca de Noé? Lembram-se do Dilúvio?
Pois no primeiro inverno, o grande açude do Castanhão encheu.
"Um dilúvio".

(Tarsio Pinheiro – O Castanhão e a Arca de Noé)

As notícias reais também geram crônicas. De forma criativa, o autor comenta o ditado "o sertão virou mar", baseando-se no fato verídico que vários animais foram salvos depois da vazante do Açude Castanhão.

O importante é o estilo no qual essa notícia é contada para que o fato seja atraente ao leitor infantil.

Poema

passei
passei
passei
um dia inteiro em Fortim
esperando
o vento Aracati

(Antonio Silvio de Araújo – Carrossel de Poesia)



Nesse poema, os versos, os recursos musicais, sonoridade e ritmo das palavras caracterizam a função poética da linguagem, que despertam a emoção, idéias e sentimentos expressados por meio de sentido figurado.

Alguns recursos como métrica, ritmo, rima, são elementos essenciais nessa arte, pois fazem parte do lúdico da infância. O eu lírico proporciona a criação de imagens e objetos, dando novos sentidos às palavras que permeiam o mundo da leitura de poemas. Assim, as palavras ultrapassam seu sentido comum, as metáforas tornam-se presentes e adquirem uma nova força, tocando o leitor, seja ele adulto ou criança, possibilitando um novo jeito de olhar a realidade.

O poema para a criança desencadeia valores estéticos, pois o ouvido é embalado pela cadência dos versos e regularidade de sílabas, facilitando até a memorização. Além disso, os poemas irradiam a capacidade de sentir e compreender. Nos poemas infantis, o texto não deve ser extenso, pois a representação de um fato é o que mais interessa, além disso, não podemos esquecer da transmissão de sentimentos que penetra na alma de uma criança.

Em qualquer lugar, o mundo mágico pode estar: na sala, na varanda, na árvore, no rio... É só começar a contar histórias!!!

Enquanto contamos histórias, os olhinhos das crianças brilham, ficam quietinhas e depois pedem "de novo!".

Na *Coleção Baião de Letras*, encontramos boas histórias para contar do nosso Ceará! Lembrem sempre que a história educa, socializa, informa, aquieta e prende a atenção. Sejam espontâneos... artistas... educadores!

O nosso compromisso começa agora!!

A história será fonte de satisfação e tocará de perto as necessidades básicas das crianças. Alimentará a emoção e a imaginação. Permitirá a auto-identificação, ajudando a criança a aceitar situações desagradáveis e resolver conflitos!

Então, porque não sermos contadores de histórias na vida de nossas crianças?

Referências Bibliográficas

- CHIAPPINI, Lígia. Aprender e ensinar com textos. 3. São Paulo: Cortex, 2001
- CURTO, Luis Maruny. Escrever e ler: como as crianças aprendem e como o professor pode ensiná-las a escrever e a ler. Vol 1. Porto Alegre:Arte Médicas Sul, 2000.
- _____. Escrever e ler: como as crianças aprendem e como o professor pode ensiná-las a escrever e a ler. Vol 2. Porto Alegre: Arte Médicas Sul, 2000.
- JESUALDO, A literatura infantil. 9. São Paulo: Pensamento, 1993
- LAJOLO, Marisa e Zilberman, R. Literatura infantil brasileira – histórias e histórias. 5. São Paulo: Ática, 1991
- MARCUSCHI, L. Gêneros Textuais – definição e funcionalidade. In. DIONISIO, A. P. , MACHADO A. R. (Org) Gêneros textuais & Ensino. Rio de Janeiro:Lucena , 2002
- RODRIGUES, Bernadette Biassi. Tratamento dos gêneros textuais na escola. Fascículo no. 8 Publicado pela Universidade Aberta do Nordeste para Formação Continuada de Professores. Fortaleza: Fundação Demócrito Rocha, 2003, p. 114-128
- ZILBERMAN, Regina. A literatura infantil na escola. 9. São Paulo: Global, 1994

3

Experiências de Contar...

A whimsical illustration in shades of blue and white. A woman with long, flowing hair is shown in profile, reading a large open book. The background is filled with various floating icons: a clock, a Christmas tree, a hot air balloon, a star, a globe, a kite, and a Ferris wheel. The overall style is dreamlike and imaginative.

Experiências de Contar...

Poesia para crianças

Marta Maria Braide Lima
Maria Helena de Almeida Oliveira

A poesia é um gênero literário que busca tocar a sensibilidade do leitor, a emoção, a pura beleza. Dos gêneros existentes, deve ser o menos comprometido com questões conceituais, instrutivas ou morais, devendo ser explorado em primeiro lugar a sensibilidade e a fantasia, com foco no sentimento e nas sensações, pois essa opção é mais bem acolhida entre as crianças.

É inconcebível utilizá-la como pretexto, em função do trabalho interdisciplinar e da gramática, pois a poesia é muito mais para ser sentida do que compreendida, tendo como características predominantes do fenômeno poético a ambigüidade e a conotação que permitem dar asas à imaginação, não se enquadrando em perguntas e respostas fechadas.

Outro elemento essencial a toda arte e a poesia é o ritmo que deverá ser marcado, intensivamente, no poema para crianças. A **rima** é um acessório que muito agrada à criança. Esses dois elementos fazem parte do lúdico da infância e por isso devem estar presentes na poesia infantil.

A linguagem deve ser simples e sem rebuscamento, sendo dispensável o excesso de sutilezas da elaboração intelectual, o recurso de associações subjetivas que podem prejudicar a sensibilidade do poema. Contudo a **metáfora** é aceitável porque a criança a utiliza inconscientemente.

Os **versos** e os poemas curtos são mais apropriados à infância porque facilitam a sintonia com a própria criança, a observação e o sentimento do ritmo, sendo aprendidos e vivenciados mais facilmente.

***Rimas:** palavras que rimam, palavras que se combinam, pois têm o mesmo som no final do verso. Mas não é todo poema que precisa ser rimado.*

***Metáfora:** é um recurso de linguagem que permite uma identificação entre coisas aparentemente independentes umas das outras.*

***Verso:** é cada uma das linhas de um poema.*

A exploração de poesia não pode ser cristalizada, mas revestida de novas formas de expressão, traduzidas através da música, jogral, dramatização, boa ilustração, cartaz, cantigas de roda e etc. Esses são meios de desenvolver, indiretamente, a reflexão e a interação e, diretamente, a criatividade e ludicidade.

Desejamos que nossas sugestões possam ser úteis e servir para animar, incentivar e envolver a criança nesse processo de extravasar sentimentos percebidos na simplicidade do cotidiano.

O livro de poesias Carrossel de Poesias é uma obra literária que traduz a cultura, os costumes e as tradições cearenses.

Os alunos, certamente, já ouviram poemas e, ao entrarem na escola, já trazem um acervo de conhecimentos sobre poemas adquiridos através de vivências infantis, como cantigas populares e folclóricas, canções de ninar, cantigas de roda, parlendas, adivinhas, etc.

O papel do(a) professor(a) a partir desses conhecimentos prévios é expandi-los com outros poemas e formas diversificadas de expressão. Portanto, sua postura tem que ser impecável na introdução dos poemas, como condição precípua para motivar, estimular e envolver o aluno. Para tanto, é necessário preparar “a leitura expressiva”, cuidadosamente, que não deverá ser feita à primeira vista, nem pela criança nem pelo professor, pois a leitura adequada do texto pode ser suficiente para criar o gosto pelo poema.

Ao trabalhar com poesias é muito importante:

- **Resgatar a experiência das crianças, levando-as a reconhecer as variadas formas de expressão poética.**
- **Refletir sobre poesia e suas características.**
- **Definir e diferenciar conceitos do universo poético (poesia, poemas, rimas, versos, estrofes).**
- **Conduzir a criança para perceber, identificar e criar rimas.**
- **Incentivar a produção de poemas a partir do contexto da criança.**

Dinamização

A metodologia utilizada para poemas deve ser dinâmica, reflexiva, contextualizada e inovadora, referente a cada poema e/ou tema a ser discutido. Partindo desse pressuposto é interessante que seja utilizado a predição como recurso estratégico de leitura. Isso significa motivar e ativar os conhecimentos prévios das crianças.

Nas poesias *Sapo-Cururu*, *Um Socó Só*, *Um Herói de Sorte*, *Princesinha* e *Uma Boa Nova* do livro *Carrossel de poesias* da *Coleção Baião de Letras* é imprescindível questionar o que as crianças sabem, o que sentem e se os temas fazem parte do cotidiano delas. Os temas citados podem remeter as crianças ao seu mundo, às suas origens,

assim como, os termos sapo, brejo, pardal, caranguejo, pião, rio Cocó, lagoa, Barra do Ceará, Catedral de Fortaleza, Vento Aracati etc.

O recurso **predição** também contribui para que as crianças viajem na imaginação com os heróis, princesas, marujos e sereias, para além do puro prazer, que essa linguagem poética pode transmitir, pois se comunica, facilmente, com o pensamento mágico.

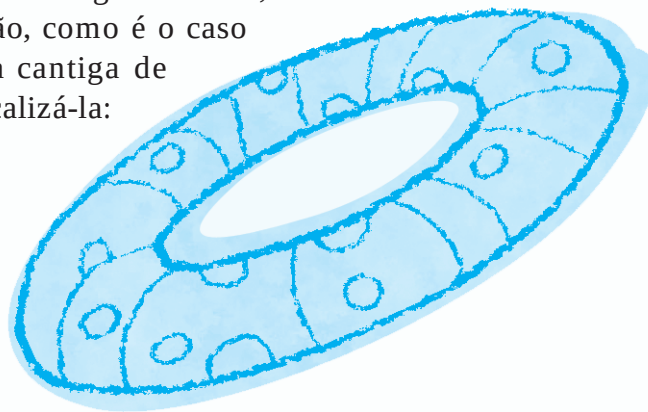
Ainda como recurso da predição, os elementos da natureza abordados nas poesias citadas, e em outras, devem ser explorados levando em conta as ações, usos, costumes e tradições de cada comunidade. No caso do povo cearense, podemos citar: ir à praia aos domingos, esperar o vento Aracati sentado na calçada, comer caranguejo, esperar chover no sertão, fazer pescaria no rio Cocó (ou em qualquer outro rio, açude ou lagoa do Ceará).

Outro elemento que pode ser utilizado na dinamização dos poemas é a intertextualidade, fator de textualidade que se realiza através da comunicação entre textos, significando inserir outros textos orais ou escritos para tornar dinâmico o trabalho com a poesia e ter melhor receptividade da criança. Assim, no poema *Sapo Cururu* pode-se sugerir o trabalho com outra história de sapo. Outro exemplo é o poema *Uma Boa Nova* que apresenta uma notícia sobre um casal de pardal, podendo, dessa forma, suscitar a utilização de outro gênero textual – a notícia.

Os textos de tradição oral como as cantigas de roda, contribuem fortemente para essa dinamização, como é o caso do poema *Princesinha*, que é a própria cantiga de roda, sendo necessário, somente, musicalizá-la:

Princesinha

Princesinha do reino de alguém
Ela quer brincar
Mas não acha com quem...
Poderá ser com você,
Com outro alguém,



Estrofe: é cada conjunto de versos separado de outro conjunto de versos por um espaço. Um poema pode ter uma ou várias estrofes, e cada estrofe, um número variado de versos.

Qualquer pessoa
Que, feito criança,
Brinque também
(Antônio Sílvio de Araújo)

O poema *Reverendo Alencar*, de Antônio Sílvio de Araújo se reporta ao texto de José de Alencar, grande romancista cearense que exalta as belezas da Terra da Luz e dos Mares do Ceará, possibilitando, assim, fazer a intertextualidade com outro gênero textual, o Hino do Ceará.

As brincadeiras são também formas de dinamização para a poesia. Um exemplo é vivenciar, após recitar com expressividade, o poema *Brincando de Pião* de Antônio Sílvio de Araújo a brincadeira de jogar pião cantando a música.

O pião entrou na roda, ó pião
O pião entrou na roda, ó pião
Roda o pião
Bambeia ó pião
(Antônio Sílvio de Araújo)

Outros recursos essenciais para o trabalho com a poesia é explorar o ritmo, a rima e a sonoridade. Todos esses elementos bem marcados, para que os alunos sintam que a poesia é viva, é dinâmica e brinca com a linguagem. Através do poema *Um Socó Só* se pode desenvolver esse recurso. Experimente!

Um socó só na lagoa
Soca soca sem parar
Mas pra pescaria ser boa
Não basta um só socó socar
(Antônio Sílvio de Araújo)

No poema acima, o autor usa um recurso chamado aliteração que é uma forma de brincar com os sons das letras, interessante e indicada para as crianças, pela sua ludicidade. Assim, questione com o aluno: o poema pode ser sonoro e musical? Qual som se repete ao

longo dele? E veja que brincadeira interessante!

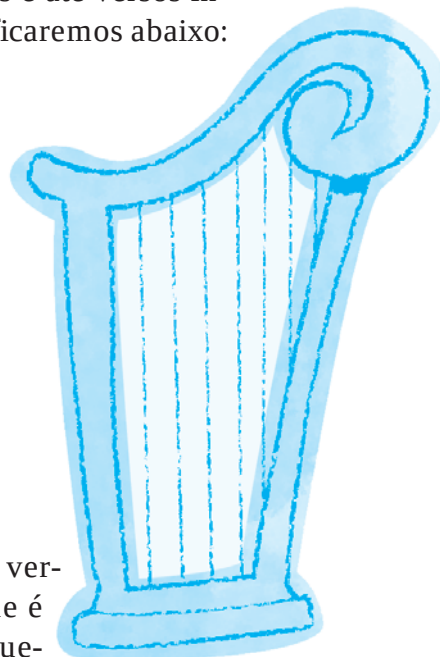
No poema *Eu sertão meu coração* percebe-se outra forma de brincar com as palavras. O autor repete ao longo do poema as palavras *sertão* e *coração*. Explora, também, as rimas nas duas últimas estrofes de dois versos. Às vezes, os poetas repetem palavras e até versos inteiros para reforçar ou realizar uma idéia, como verificaremos abaixo:

Havendo chuva no sertão,
há São João em mim.

É canção!
É canção!
É canção!

Canção no meu sertão!
Canção no meu coração!

Porque meu sertão é coração!
Porque meu coração é sertão!
(Antônio Silvio de Araújo)



Incentive as crianças para que observem se os versos rimam. Pergunte: Quais palavras rimam? O que é rima? E, ainda, se elas conseguem descobrir o esquema de rima.

No mesmo poema também se detectam metáforas, o que é comum em textos poéticos. Veja os versos abaixo e explore as idéias com as crianças:

Porque meu sertão é coração
Porque meu coração é sertão.

Para finalizar as sugestões de dinamização com poesias vamos trabalhar mais um importante recurso, que é a produção textual que deve ser iniciada com o gênero **quadra** utilizando um texto poético onde as rimas devem estar presentes.

*Quadra: é uma estrofe
composta por quatro
versos.
Há poemas que incluem
quadras entre suas
estrofes, mas, às vezes,
uma quadra é um poema.
Seus versos rimam de
diferentes formas.*

Vejamos o poema *Domingo é Dia de Praia*:

Vamos à praia papai?
Eu quero ver o mar!
Vamos à praia papai?
Hoje é dia de pescar
(Antônio Sílvio de Araújo)

Na quadra acima, o primeiro verso rima com o terceiro e o segundo rima com o quarto (este é o esquema de rima). As crianças devem ser questionadas, a fim de que percebam o que é uma quadrinha e quantos versos uma quadrinha tem e ainda sobre a questão das rimas.

Produzir um acróstico com as crianças é uma idéia fácil e prazerosa. É bom sugerir que criem com o próprio nome, colocando as letras, verticalmente, no papel. Sugira que utilizem, para cada letra do nome, suas características pessoais, seu jeito de ser, gostos etc. Assim, comporão os versos sem muita dificuldade. Revise os versos do acróstico e os exponha. As crianças vão adorar!

Agora, é com você, professor! Não tivemos a pretensão de esgotar o assunto sobre poesias, mas nos esforçamos para dar uma pequena contribuição na área, para que, no momento do seu planejamento, esse material seja um elemento gerador de novas idéias e sirva, também, para melhor desenvolver suas aulas.

Referências Bibliográficas

- ALTENFELDER, Anna Helena. Poetas da escola: prêmio escrevendo o futuro. São Paulo: Petrópolis, 2004.
- AROEIRA, Maria Luísa et al. Didática de pré-escola: vida criança, brincar e aprender. São Paulo: FTD, 1996.
- CARIARI, Luiz Carlos. Alfabetização e lingüística. São Paulo: Scipione, 1992.
- COELHO, Nelly Novaes. Literatura infantil: módulo para desenvolver a linguagem oral e escrita. 1. ed. São Paulo: Moderna, 2000.
- CODMARIN et al. Oficina da linguagem: módulo para desenvolver a linguagem oral e escrita. 1. ed. São Paulo: Moderna, 1999.
- DUBOIS, Jean et al. Dicionário de lingüística. 15. ed. São Paulo: Pensamento-Cultrix, 1997.

MAFFIOLETTI, Leda. RODRIGUES, Jussara. Cantiga de roda. Porto Alegre: Magister. 1992.

TRAVAGLIA, Luiz Carlos. Gramática e interação: uma proposta para o ensino de gramática no 1º e 2º graus. 2. 2d. São Paulo: Cortez, 1997.

Crônica para Crianças

Filomena Maria Lobo Neiva Santos – Lena
Raimunda Ivelene Martins da Costa

Com o objetivo de desenvolver um trabalho em sala de aula que possibilite o estímulo à leitura, a valorização da literatura no contexto da educação formal e a formação de leitores e escritores apresentamos algumas sugestões de como trabalhar o gênero literário crônica.

A palavra crônica vem do latim *chronica* e significa o relato de acontecimentos em ordem cronológica. A crônica é um texto curto, de linguagem acessível geralmente publicada em jornais, constituindo-se numa conversa entre a pessoa que escreve e a pessoa que lê. Na crônica, o autor apresenta sua visão do mundo expondo a sua forma pessoal de compreender os acontecimentos que o cercam.

A crônica, por ser a visão pessoal do autor sobre um determinado assunto, constitui-se em excelente elemento mobilizador para reflexão e discussão sobre temas presentes no dia-a-dia da criança. Além de possibilitar uma estimulante análise textual, já que apresenta uma linguagem simples, espontânea, com textos geralmente curtos, leves e de fácil comunicação com os diferentes tipos de leitores.

Para desenvolver um trabalho em sala de aula com o gênero crônica, concordando com Cilza Bignotto, sugere-se a elaboração de propostas didáticas como:

Ler e refletir: atividades centradas na leitura, análise crítica dos textos, debates sobre os temas centrais e estabelecimento de relações dos temas abordados nas crônicas e a vida das crianças.

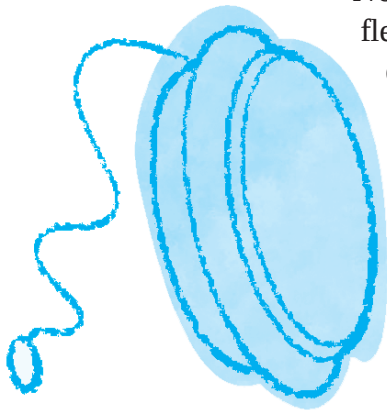
Crônica: relato de acontecimentos em ordem cronológica, narração de fatos segundo a ordem em que se sucedem no tempo.

No século XIX, com o desenvolvimento da imprensa, a crônica passou a fazer parte dos jornais. Ela apareceu pela primeira vez em 1799, no Journal de Débats, publicado em Paris (Konder, 2006).

Escrever e articular: atividades que propõem a produção de textos individualmente ou em grupo que podem ser motivadas pela observação dos temas originais ou questões derivadas (Bignotto, 2004).

No trabalho de formação de leitores e escritores, é fundamental o apreciar que acontece a partir das condições favoráveis de leitura e que se inicia com a percepção de coisas que servem para ser lidas e comentadas nas discussões.

A escola deve oferecer oportunidades à criança de ter esse ambiente de leitura e escrita presente em diversas situações durante o período escolar. Daí a importância da organização dos espaços físicos, principalmente, quando se pretende desenvolver um trabalho com crianças pequenas. O material de leitura deve ser disposto de forma acessível à criança (cantinhos, casinhas, estantes com livros e textos, amostras literárias e outros).



No trabalho com crônicas, a partir da leitura, apreciação e reflexão, a criança desenvolve sua criação, dando vazão à sua expressividade sobre o que conhece, fantasia e percebe acerca dos mais diversos assuntos do dia-a-dia. Através de rodas de conversa pode-se realizar a leitura e a reflexão individual, posteriormente compartilhadas com o coletivo, por meio de debates e discussões sobre os temas abordados nas crônicas e as relações entre esses temas e o cotidiano das crianças.

É importante que o(a) professor(a) realize, com frequência, leituras do gênero crônica; pois, ao fazê-lo, propicia às crianças oportunidades para que conheçam as características próprias desse gênero, identificando-o como tal. Além disso, o trabalho com diversas crônicas possibilita a ampliação do universo discursivo através da variedade de textos e de manifestações culturais, que expressam modos e formas próprias de ver o mundo, viver e pensar, aprendendo a respeitar o diferente.

Terminada a leitura, discutido e entendido o texto, é fundamental que se desenvolvam atividades que proponham a produção de textos,

possibilitando às crianças o reingresso ao mundo da escrita, a passagem do mundo do leitor para o do escritor. As atividades de produção de texto podem ser motivadas pela observação dos temas originais ou questões derivadas e ser realizadas individualmente ou coletivamente.

A produção de texto possibilita às crianças a expressão e o registro de seus sentimentos, emoções, impressões e idéias na forma do gênero trabalhado. Além disso, a socialização dos textos produzidos pelas crianças contribui para o desenvolvimento da sua capacidade leitora.

Pensando no gênero crônica, no que ele pode desenvolver e na complexidade e riqueza do ato de ensinar e aprender apresentam-se idéias de dinamização desse gênero através do texto *Palavras ao Vento* de Kelsen Bravos da *Coleção Baião de Letras*.

Dinamização

A crônica *Palavras ao Vento* é um exemplo da percepção do autor sobre um assunto do dia-a-dia, expondo, de forma pessoal, sua visão de mundo e de compreensão dos acontecimentos que o cercam. O autor não se prende apenas à observação direta e objetiva da realidade com um texto só informativo. Extrapola essa realidade, construindo um texto de certa forma poético, a partir de uma realidade subjetiva, levando à reflexão sobre valores, como união entre as pessoas, solidariedade e esperança.

Pode-se introduzir o tema para as crianças por meio de uma música. Sugere-se *O Vento* de Vinícius de Moraes e Toquinho. O foco é sensibilizar para o tema. Como o trabalho é com crianças, é fundamental que seja marcado pela ludicidade. Daí a opção de se utilizar uma música. É importante que se faça uma investigação sobre o conhecimento prévio das crianças com perguntas como: O que é o vento? Quando penso no vento, qual a primeira idéia que me vem à cabeça?

*A roda de conversa
amplia as capacidades
comunicativas com
fluência para falar e
perguntar, expor idéias,
dúvidas e descobertas,
valorizar o grupo e a troca
de aprendizagem, o olhar
e o ouvir trocando experi-
ência.*

*O Vento (O Ar)
Estou vivo, mas não tenho
corpo
Por isso é que eu não
tenho forma
Peso eu também não
tenho
Não tenho cor*

*Quando sou fraco
Me chamo brisa
E se assobio
Isso é comum
Quando sou forte
Me chamo vento
Quando sou cheio
Me chamo pum!
(Bacalov/Toquinho/Vinícius
de Moraes)*

É necessário ter cuidado na formulação das perguntas e questionamentos a serem elaborados para pesquisa. O importante é que permita que a criança relacione o que já sabe ou domina com o novo conhecimento, articulando e relacionando aspectos práticos do seu cotidiano ao modo de vida de seu grupo social.

Leitura e reflexão

O(a) professor(a) poderá ler para o grupo como também solicitar que as crianças o façam. Após a leitura do texto, propõe-se que, através de uma **roda de conversa**, se discuta sobre o tema da crônica, possibilitando situações em que as crianças estabeleçam relações entre o tema abordado e o seu cotidiano.

Sugere-se que sejam feitas perguntas tais como: O que sentiram ao ler e ouvir? Que sensações e sentimentos o texto desperta? Que informações ele traz? Já ouviram falar sobre os ventos que o autor fala (terral, maral, Aracati)? Os ventos acontecem em todas as partes do mundo? E o vento Aracati, onde acontece? Vocês já ouviram falar de ventos com outros nomes? Onde eles acontecem? Vocês já ‘ouviram’ boas palavras trazidas pelo vento ou já ‘soltaram’ suas palavras ao vento? Para o autor, o que significa ser um ‘bem-te-vi’? Como um passarinho, vocês já ‘soltaram seu canto’ ao vento? Já foram ‘bem-te-vi’ para alguém?

Articular e escrever

Propor o desafio de fazer uma pesquisa sobre os temas abordados na crônica, utilizando-se de entrevista com os pais ou pessoas da comunidade, recortes de jornais e revistas, pesquisa na biblioteca da escola e outros. Num trabalho coletivo, recolher, selecionar o material e construir um mural com os resultados da pesquisa. Lançar também o desafio de soltar boas palavras ao vento, ser um ‘bem-te-vi’ em casa, na escola, na comunidade.

E aí chega a hora de se transformar em um escritor! O desafio é de criar um texto em forma de crônica, construído individualmente ou coletivamente.

E agora chegou a sua vez, professor(a)!

Que tal planejar e desenvolver um trabalho com suas crianças utilizando as outras crônicas da *Coleção Baião de Letras*?

Solte sua imaginação e crie novas estratégias!...

Vento lembra arraia, jangada, carretilha... (Ops! Carretilha ou surf, arraia ou pipa?) Que tal começar por aí, trazendo um pouco de nossa terra e de nossa gente, trabalhando a nossa identidade cultural? As crônicas de Kelsen Bravos (*Ventos da esperança, Icapuí, Mundo da imaginação, Brincadeira de carretilha, Baião de dois, Baião de Humberto e Luiz, Rede Branca, Domingo é dia de feira, Toc-teleco-teco da vovó*) trazem temas cearenses, o que facilita desenvolver esse tipo de trabalho.

O vento que balança a rede na varanda, embalando nossos sonhos.... Um, dois, feijão com arroz... Três, quatro, feijão no prato! Huuum!... Um bom prato de baião de dois ou um baião dançado agarradinho dando um cheiro no cangote?

Vamos lá! É só arregaçar as mangas e começar...

Referências Bibliográficas

ALTENFELDER, Anna Helena. Poetas da escola. São Paulo: Petrópolis, 2004
BIGNOTTO, Cilza. Crônica na sala de aula: material de apoio ao professor. São Paulo: Itaú Cultural, 2004
BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Fundamental. Referencial curricular nacional para educação infantil. Brasília, 2001
TV Cultura. Site. São Paulo, Brasil. Disponível em www.tvcultura.com.br/aloescola/literatura/cronicas/facasuacronica.htm Acesso em março 2006.

Conto para Crianças

Alda Vieira da Silva
Joana D`arc do Nascimento Tavares
Nara Lúcia dos Santos Oliveira

O conto na escola nos leva a fazer uma viagem pelo mundo literário – uma experiência que nos faz ir além do tempo e do espaço vividos. Os contos são verdadeiras obras de arte que pertencem ao patrimônio cultural de toda a humanidade e representam a visão de mundo, as relações entre o homem e a nature-

Romance é um dos gêneros mais conhecidos da literatura. Herdeiro da epopéia, é tipicamente um gênero do modo narrativo, assim como a novela e o conto.

Decameron é uma experiência artística que leva o leitor à organização do mundo cultural de G. Boccaccio (1313 – 1375). Esta famosa obra, plena de contrastes humanos, observa a realidade dos afetos de emblemáticas personagens cujas ações corriqueiras e enganadoras, muitas vezes audaciosas, se

*transformam em exemplos
universais e atemporais
sobre a mirada deste
excelente narrador.
Boccaccio, considerado já
um irradiador da cultura pré-
humanística, se coloca ao
lado de Dante e de Petrarca
pela sua alta e
originalíssima atividade de
escritor e o Decameron está
entre as obras-primas não
só da literatura italiana como
mundial de todos os tempos.*

*O conto nos leva ao
mundo dos sonhos e da
imaginação.
O Contador e os contos
formam uma unidade que
vai além do ato educativo.*

*A leitura implica incorporar o
conhecido ao desconhecido.*

*A criança tem uma alma
poética e essencialmente
criadora.*

za sob as formas estéticas mais acabadas, que provocam precisamente o maravilhoso prazer da leitura.

O conto é a forma narrativa, em prosa, de menor extensão, ainda que contenha os mesmos componentes do **romance**. Entre suas principais características, estão a concisão, a precisão, a densidade, a unidade de efeito ou impressão total.

Outro elemento essencial é que o conto precisa causar um efeito singular no leitor, muita excitação e emotividade.

Há duas fases do conto. A primeira fase é a **oral**, a qual não é possível precisar o seu início: se origina num tempo em que nem sequer existia a escrita; as histórias eram narradas oralmente ao redor das fogueiras das habitações dos povos primitivos. Por isso o suspense, o fantástico, que o caracterizou originalmente.

A segunda fase, a **escrita**, começa por volta do século XIV, quando se registram as primeiras preocupações estéticas, que aparece com **Decameron**, que se tornou um clássico e lançou as bases do conto tal como o conhecemos hoje.

O impulso de contar história deve ter nascido no homem, no momento em que ele sentiu necessidade de comunicar aos outros alguma experiência sua, que poderia ter significação para todos. Hoje, muitos autores lançam suas obras literárias, retratando o conto de maneira que a leitura faça parte da nossa cultura, visando estimular o gosto e o interesse pela leitura como informação e recreação, fortalecendo o desenvolvimento pessoal e social, estimulando a familiarização com a cultura popular.

O contar ou narrar não deixa de ser uma arte teatral conjuntamente com a afetividade, a sensibilidade, a emoção e o carisma. O contador e os contos vão além do ato de educar, possuindo uma ação terapêutica que precisa ser bem dimensionada para que os efeitos sejam sempre favoráveis ao crescimento daquele que ouve, seja criança ou adulto.

Trabalhar o conto é, ainda, escolher a melhor forma ou o recurso mais adequado de apresentá-lo. A narrativa é a mais fascinante de todas as formas, por ser a autêntica expressão do contador.

Ao trazer a literatura para sala de aula, o(a) professor(a) estabelece uma relação dialógica com a criança, o conto, sua cultura e sua realidade. Além de contar ou ler a história, ele(a) deve criar condições para que a criança trabalhe o conto a partir de seu ponto de vista, trocando opiniões, assumindo posições frente aos fatos narrados, defendendo atitudes e personagens, dessa forma as crianças vão construindo ou reconstruindo uma nova história.

Ler ou contar histórias é poder sorrir, se emocionar com as situações vividas pelos personagens, com a idéia do conto ou com o jeito de escrever de um autor e, então, poder ser um pouco cúmplice desse momento de humor, de emoção, de brincadeira, de divertimento e também suscitar o imaginário, ter a curiosidade satisfeita em relação a muitas perguntas (dúvidas).

Encontrar idéias diferentes das que os personagens tiveram para solucionar problemas possibilita descobrir o mundo dos conflitos, das desigualdades sociais, dos impasses, das soluções que todos nós vivemos e atravessamos, de um jeito ou de outro, através dos problemas que vão sendo enfrentados ou não, resolvidos ou não, pelos personagens de cada história, cada um a seu modo. A medida que a criança vai se identificando com o conto pode esclarecer as próprias dificuldades ou encontrar um caminho para a solução deles.

Dinamização

Boas estratégias metodológicas podem ser desenvolvidas utilizando-se a *Coleção Baião de Letras*. A exemplo, com o conto, *Os sonhos de Josafá* de Jorge Pieiro sugerimos que, após a sua leitura, se aplique a seguinte metodologia. Com as crianças sentadas em círculo, utilize um rolo de barbante e comece a contar a história ao seu modo. Segure o fio e jogue o rolo para uma criança. Esta deve continuar a história e jogar para outra, de forma que cada uma que recebe o rolo continua a história até o último concluir. Depois, cada criança pode registrar uma parte da história com desenhos e textos e, no final,

*O texto não deve ser algo
sagrado e intocável.*

*Permita a criança ser
sujeito em suas leituras.*

*É legal sugerir versões
diferentes de uma mesma
história.*

você organiza com o grupo, a seqüência do conto e pendura num varal na sala de aula.

A conquista do pequeno leitor poderá se dar através da relação prazerosa com o conto, onde o sonho, a fantasia e a imaginação se misturam numa realidade única que o levam a vivenciar as emoções em parceria com os personagens da história, introduzindo, assim, situações locais da sua realidade.

É ouvindo histórias que se pode sentir emoções importantes como a tristeza, a raiva, a irritação, a dúvida, o bem-estar, o medo, o pavor, a insegurança, a alegria, a tranquilidade, o sonho, a esperança e tantas outras mais.

Ouvir histórias é viver profundamente tudo que as narrativas provocam em quem as ouve, com toda amplitude, significância e verdade que cada conto fez ou não, brotar (surgir), enfim, é ouvir, sentir e enxergar com os olhos do imaginário.

Os contos do *O livro passarinho* de Eugênio Leandro retratam o perfil de muitas das nossas crianças que freqüentam a escola sem nenhum prazer, entretanto incentiva o gosto pela leitura, a importância do lê.

Para iniciar o trabalho com esses contos utilize balões cheios de ar de diversos tamanhos. O(a) professor(a) deve colocar as crianças em círculo, entregar-lhes os balões e explicar a razão pela qual algumas pessoas, em determinados momentos de sua vida, se parecem com os balões. Utilize idéias de comparação assim: Algumas pessoas estão aparentemente cheias de vida, mas por dentro nada mais têm do que ar, sua aprendizagem é mínima, lhe falta o conhecimento. Outras parecem ter opinião própria, mas se deixam levar pela mais suave brisa, precisam de incentivo para resgatar a personalidade e autoestima. Por fim, algumas vivem como se fossem balões cheios, prestes a explodir, basta que alguém as provoque com alguma ofensa para que (neste momento estoura-se um balão com um alfinete) “estourem”.

Peça que todos dêem sua opinião e falem sobre suas dificuldades em superar críticas e ofensas. Com isso você esta fazendo-os compreender a importância da leitura na vida de todos.

É muito significativo para a formação de qualquer criança ouvir muitas e muitas histórias. Escutá-las é o início da aprendizagem para ser um leitor e ser leitor é ter um caminho absolutamente infinito de descoberta e de compreensão do mundo.

É no encontro com qualquer forma de literatura que os homens têm a oportunidade de ampliar, transformar e enriquecer sua própria experiência de vida. Ler com atenção e dar suas opiniões próprias, particulares e únicas, com qualquer texto que leia. Criar sempre! Perceber o que aquele conto possui de especial ou de comum, diferenciar, o que aprendeu, o que estimulou, o que deu vontade de reler, de ir mais longe e mais fundo.

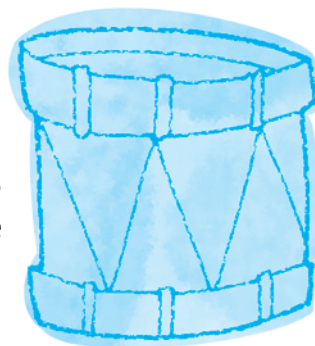
Que gostosura plena é ler um conto bem-humorado, com lances inacreditáveis, com diálogos inusitados, com situações não previstas ou nem imaginadas pela criança! Que delícia! Provoca a gargalhada pura, refrescante! E depois do conto lido e vivido, sentido e sacado, pedir que façam desenho, teatralizem, inventem novas situações e tantas outras idéias que cada conto propicia. Fazer vibrar!

Ler é um prazer. Propõe possibilidades infinitas de descobrir o mundo e os outros. São respostas, novas perguntas, achados. Mas para a criança ser apaixonada pela leitura, é preciso que o(a) professor(a) também seja. Por isso, aqui vai nossa sugestão: comece agora, sem cansaço, sem monotonia, sem bobice de preguiças, leia! Você terá muito o que contar e com o que se encantar.

Agora professor(a), chegou a sua vez de propor um trabalho diferente para as crianças, acredite! Elas vão adorar trabalhar com os contos cearenses da *Coleção Baião de Letras*.

Aposte nas suas crianças!

Era uma vez... Há muitos e muitos anos... Um certo dia... Como você quer começar? Tente, faça diferente!



Teatro é qualquer tipo de expressão humana posta num palco para uma platéia. O conceito de palco tem mudado pelos tempos: o palco pode estar no lugar clássico, à frente da platéia, ou a platéia pode rodear o palco, como no teatro de arena. Às vezes, a platéia é ocupada pelos atores que se misturam ao público. Tudo é possível na experiência teatral. (Chico de Assis, 2004. SEESP/GTI).

O teatro como auxiliar pedagógico é prática mundial. Penso que, na ação cênica, o aluno se torna sujeito da aula e vive de maneira integral o vínculo social de seu grupo de maneira integral (id, ibid.).

Os Saltibancos é uma antiga história, escrita pelos irmãos Grimm e adaptada para teatro por Chico Buarque. Além de cantor e compositor, ele também escreveu várias

Referências Bibliográficas

- ALENCAR, Chico et alii. História da Sociedade Brasileira. Ao Livro Técnico. RJ, 1996, 13ª ed.
- ARROYO, Leonardo. Literatura Infantil Brasileira. Melhoramentos, SP, 1968.
- BILAC, Olavo & BONFIM, Manuel. Através do Brasil. Francisco Alves, RJ, 1948, 36ª ed.
- BILAC, Olavo & NETTO, Coelho. Contos Pátrios. Francisco Alves, RJ, 1931, 27ª ed. (ilustrado por Vasco Lima)
- BUSCH, Wilhelm. Juca e Chico. História de Dois Meninos em Sete Travessuras. (tradução: Olavo Bilac) 11ª edição. São Paulo: Melhoramentos, s/d.
- CARVALHO, Bárbara Vasconcelos de. A Literatura Infantil: Visão Histórica e Crítica. 4ª ed. Global. São Paulo. 1985.
- COELHO, Nelly Novaes. Dicionário Crítico da Literatura Infantil e Juvenil Brasileira (1882/1982). Quíron, SP, 1983.
- GUTFREIND, C. O terapeuta e o lobo: a utilização do conto na psicoterapia da criança. Editora Casa do psicólogo. São Paulo: 2003.
- LAJOLO, Marisa. Usos e Abusos da Literatura na Escola. Olavo Bilac e a Educação na República Velha. Globo. RJ/Porto Alegre, 1982.
- MATOS Gislaíne. As Palavras do Contador de Histórias. São Paulo, M. Fontes, 2005
- RADINO, C. Contos de fada e realidade psíquica: a importância da fantasia no desenvolvimento. Editora Casa do psicólogo. São Paulo: 2003.
- RAZZINI, Márcia de Paula G. O espelho da Nação: A Antologia Nacional e o Ensino de Português e Literatura (1838-1971). Tese de Doutorado, Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, 2000.
- ZILBERMAN, Regina & LAJOLO, Marisa. Um Brasil para crianças. Para conhecer a literatura infantil brasileira: história, autores e textos. Global, SP, 1993.

O Teatro Infantil

Yedda de Aguiar Freire
Maria Amália Coelho Lopes

*Senhoras e Senhores!! O espetáculo vai começar.....
No palco sua excelência o texto teatral!!!!*

O texto teatral é escrito para ser representado. A leitura desse tipo de texto em sala de aula faz o maior sucesso, desenvolvendo as habilidades de leitura e de escrita. É utilizado,

principalmente, para promover o desenvolvimento da linguagem oral. Sabem por quê? Porque possibilita a oportunidade de vivenciar papéis diferentes, adequando a fala a diferentes padrões, de acordo com o lugar onde se passa a história, o tempo, o tipo de pessoa, o grupo social a que pertence cada personagem. Exige da criança sua participação integral, seu corpo, sua fala, seu gesto, manifestando a necessidade de expressão e comunicação onde todos são importantes para a compreensão do que representa a linguagem na vida do ser humano.

E sua excelência o(a) professor(a) como fica no espetáculo?

Durante todo o espetáculo ele(a) tem uma participação muito importante, pois precisa, primeiro, conhecer as etapas de desenvolvimento da linguagem dramática das crianças, observando a faixa etária das mesmas. Isto é, quando lidamos com crianças até os 7 anos de idade, elas se encontram na fase do faz-de-conta. É quando a realidade, para elas, é retratada da maneira que é entendida e vivenciada. Elas ainda não são capazes de refletir sobre temas abstratos, distantes do seu cotidiano, do vivido. Após os 7 anos, já se preocupam em mostrar os fatos de forma mais realista, estão mais conscientes e comprometidas com o que dizer por meio do teatro. Daí a necessidade do(a) professor(a) ser um elemento fundamental na aprendizagem e desenvolvimento da criança nas atividades com texto teatral, considerando que as atividades não são simples transmissões de uma técnica cênica.

A criança precisa desenvolver, por meio do teatro, um maior domínio do corpo, tornando-o expressivo, o que pode melhorar o desempenho na verbalização, na capacidade para responder às situações emergentes e também, facilitar a capacidade de organização e integração com outras crianças e o(a) professor(a).

Continuando o espetáculo... com a palavra sua excelência a escola, batam palmas para ela!!!!

O papel da escola no grande cenário artístico é, além de incluir as informações sobre a arte produzida nos âmbitos regional, nacio-

peças. Chico aproveitou seus dois talentos, o teatro e a música, para fazer uma peça musical. Um jumento, uma galinha, uma gata e um cachorro são as personagens que se unem contra seus donos. Uma história sobre amizade, recheada de músicas legais, adaptadas por Chico: "Jumento, não é jumento não, é o grande malandro da praça. Trabalha de graça. Não agrada ninguém. Nem nome tem. É manso e não faz pirraça. Mas quando a carcaça ameaça rachar, que coices que dá!" Essa peça foi adaptada para o cinema em 1981, com Renato Aragão aprontando todas em Os Saltimbancos Trapalhões. (http://www.maniakids.hpg.ig.com.br/entretenimento/130/index_pri_1.html)

nal e internacional, possibilitar a compreensão e crítica das crianças nas informações produzidas pelas mídias, democratizar o conhecimento e ampliar as possibilidades de participação das crianças na sociedade em que vivem.

A escola precisa também se preocupar com a formação de leitores e escritores competentes. Para isso, a criança precisa se familiarizar com todos os textos que circulam socialmente para conhecer as estruturas básicas dos textos, ler e aprender os significados, adquirir habilidade de dizer ou escrever a mesma coisa de diferentes modos, utilizando diversos recursos, como saber contar uma história, narrando, desenhando ou dramatizando. Só assim, a escola demonstra sua função social de tornar a criança um usuário da língua.

Quando a criança se expressa na língua dramática, compreende o teatro como uma ação coletiva, apreciando de forma crítica as produções artísticas das diversas culturas.

As cortinas do grande palco do espetáculo teatral se abrem neste momento para dar passagem a textos teatrais como o produzido por Júlio Lira e outros artistas cearense!!!!

No meio da barulhada do recreio, uma bolada bate com força em uma parede. Bad Boy e Alexandre entram disputando a bola.

B – Deixa disso, moleque, tu não sabe jogar bola.

A – E eu não sei não? E eu não sei não jogar bola?

Os dois driblam de um lado para o outro.

B – Olha aí, pessoal! O Moleque pensa que eu estou jogando pra valer. Alexandre tenta passar com a bola e recebe uma cotovelada muito forte.

A – Ai! Minha costela mindinha! Ai! Minha costela mindinha!

B – Costela mindinha! É um matuto mesmo! Ha! Ha! Ha! Ninguém fala desse jeito. Ha! Ha! Ha! Não sabe falar direito. Vai catar feijão. Ha! Ha! Ha! Teu lugar não é no meio da gente.

O menino fica sozinho, triste. Olha para o publico e diz:

A – Ele tem razão. Eu falo muito feio. Mas, vou dar um jeito: a partir de hoje eu vou falar só gíria.

(Julio Lira. O caso da costela mindinha).

Professor(a), diante do texto acima esperamos que você consiga transformá-lo numa bela peça teatral. Para tanto, sugerimos alguns passos que poderão servir de referência para você criar seu espetáculo. Não esqueça de registrar a sua produção para socializar com outros companheiros. Boa sorte e mãos a obra!

Assim, ao criar seu espetáculo não esqueça:

- Para prepararmos um belo espetáculo precisamos ter um bom contato com o texto teatral. O(a) professor(a) pode fazer uma leitura em voz alta do texto.
- Comente e discuta o assunto do texto, descobrindo as indicações de cada personagem e dos cenários, objetos, roupas, organização e seqüência da história. Todo esse processo precisa ser cuidadosamente estimulado e organizado pelo(a) professor(a).
- Promova uma leitura dramática do texto dando, em seguida, um tempo para cada criança fazer sua leitura silenciosa. Por fim, faça uma leitura oral para esclarecer as dúvidas a respeito da apresentação do texto.
- Além da leitura silenciosa do texto, é importante também abrir espaço para uma leitura em voz alta pelas crianças, como uma preparação da leitura dramática, buscando através dos gestos, expressões, entonação e fala, representar a rubrica de cada personagem (ex: triste, alegre, zangado).
- Cada criança precisa ter oportunidade de escolher qual papel deseja desempenhar na peça. Atores? Diretores? Confeccionar cenários? Lembre sempre que não só os atores são importantes, pois a montagem da peça é um processo coletivo e o sucesso depende da equipe. Uma das pessoas mais importante é o próprio autor do texto, mesmo não estando presente na peça.
- Depois que cada criança definir que papel vai representar é chegada a hora de ler as falas dos personagens. Esse tipo de atividade exige que todos estejam atentos, para entrar na hora certa com entonação e volume de voz adequada.
- As crianças precisam fazer uma leitura bem expressiva demonstrando emoção. Para tanto, torna-se necessário ensaiar a

O método de Stanislavski tem base na representação da emoção própria do personagem. O ator deve buscar incorporar o personagem, isto é, sentir o que esse personagem sente, conhecer seu comportamento íntimo. Enfim, saber tudo sobre o personagem é o passo inicial.

Constantin Stanislavski:
diretor do Teatro de Arte de Moscou no século passado.

Experimente brincar em cena com:

Macacos e seus rabos

Material: fitas, tiras de jornal recortadas cortadas de jornais e presas por fita colante para fazer os rabos.

Preparação: amarrar os rabos na cintura, deixando cair no chão um pedaço de trinta centímetros.

Ação: com os pés, as crianças tentam tirar os rabos dos macacos, pisando neles.

Objetivo: o último a ficar com o rabo inteiro se submete à grande experiência de colocar um rabo mais comprido ainda, para que todo o grupo tente pisar no seu rabo.

Utilização cênica: terminando o jogo, pegar dois macacos e estabelecer entre eles um conflito que começa por um deles perguntando por que o outro quer pisar no rabo dele.

Todos os integrantes do grupo devem passar pela cena. Mas não todos de uma vez. É preciso que sempre haja uma platéia que assista. Essa platéia pode ser crítica se pedir que ela diga do que gostaram da cena feita. Ou do que não gostaram.

(Chico de Assis é teatrólogo e dramaturgo. Foi professor coordenador do SEMDA – Seminário da Dramaturgia do Arena.)

leitura várias vezes, até que os mesmos consigam passar a cena o mais próximo da realidade.

- Para que os ensaios sejam realmente levados a sério é necessária a elaboração de um cronograma devidamente construído com todos os envolvidos no processo para que a atividade seja prazerosa e tenha sucesso.
- Os ensaios bem planejados e prazerosos, provavelmente, fomentarão o desejo dos artistas de representarem o texto decorado, não necessitando tê-lo em mãos.
- Após vários ensaios, pode-se convidar um público reduzido de pessoas (outras crianças e professores) para assistirem a primeira apresentação da peça, com o objetivo de opinarem sobre alguns aspectos como: entonação, emoção passada, timbre de voz, desenvoltura dos personagens, cenários, etc.
- Os cuidados que devemos ter com a preparação dos atores e vestimentas também serão necessários com a arrumação do cenário para a apresentação da peça. Podem ser utilizados desde materiais reciclados até cenários pintados, revelando talentos artísticos no campo das artes plásticas e visuais presentes na natureza e nas diversas culturas.
- Uma outra possibilidade de trabalhar com os textos teatrais é organizar, juntamente com as crianças e outros professores, um festival de teatro amador, envolvendo outras escolas para ampliar o referencial cultural e descobrir talentos.

As cortinas do nosso palco de sugestões continuam abertas para encenarem outras peças, suscitarem outros escritores a construírem novos textos, ressaltando e divulgando a competência e a garra cearense.

Quem quer continuar?

Referências Bibliográficas

BRASIL. Ministério da Educação. Parâmetros Curriculares Nacionais: Artes. Brasília, 2005.

_____. Ministério da Educação. Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação. Diretoria de Programas Especiais. Fundo de Fortalecimento da Escola. Programa gestão de aprendizagem escolar: orientações para formadores, língua portuguesa. Brasília, 2005.

Cordel para Crianças

Germânia Kelly Furtado Ferreira

Desde a sua chegada ao Brasil até os dias atuais, o Cordel contemplou o universo popular e foi alvo de estudos. Vários autores criaram classificações para esse tipo de literatura. No entanto, talvez tenha sido o Professor Raymond Cantel, da Sorbonne que, num ciclo de estudos sobre literatura de cordel, realizado em 1976, em Fortaleza, melhor classificou o cordel: poesia narrativa, popular, impressa.

Pois se é poesia narrativa, popular e pode ser impressa, mas também contada, a literatura de cordel representa mais um dos tantos gêneros literários disponíveis para que o professor idealize atividades cujo objetivo seja desenvolver a leitura, a escrita e a oralidade junto às crianças que se encontram em processo de alfabetização e letramento.

Mas como fazer do Cordel uma atividade escolar?

Para fazer poesia de cordel o professor deve estimular o trabalho com **rimas**. O texto deve ter simplicidade através do uso de termos compreensíveis, sem necessariamente compor uma escrita forçada. O mesmo deve apresentar um relato, considerando que a poesia de cordel deve conter uma história.

É importante também que a criança reconheça os significados de fonema, sílaba, verso e estrofe. Compreendendo que o verso corresponde a cada uma das linhas melódicas que forma um poema e que estrofe é um agrupamento de versos que formam uma composição poética. No caso do Cordel, a estrofe deve estar organizada em rimas, podendo ocorrer **rimas paralelas, cruzadas** ou **opostas**.

A primeira grande aventura que o professor deve estimular na construção de um texto de Cordel é a reunião em grupos para de-

Visite o site: http://www.educacao.sp.gov.br/Boa_Noticia/chico.htm e veja outras idéias de como desenvolver a arte cênica na escola.

Rimas: correspondência de sons finais entre dois ou mais versos. Uniformidade de som na terminação de duas ou mais palavras. Palavra que rima com outra. (S. m. pl. Versos. Dicionário de Rimas <http://rimas.macedo.net>)

Rimas paralelas: rimas dispostas segundo a sequência dos versos: a-a-b-b
O 1º verso rima com o 2º e o 3º rima com o 4º.

Ex:
a Quando vinha na estrada 1º
a vi uma coisa engraçada 2º
b era um macaco falando 3º
b e um urubu escutando 4º

Rimas cruzadas: rimas
dispostas segundo a
seqüência dos versos: a-b-
a-b

O 1º verso rima com o 3º e
o 2º rima com o 4º.

Ex:

a Somos todos brasileiros 1º
b no solo deste país 2º
a e por sermos companhei-
ros 3º
b cada qual é mais feliz 4º
a e aqui nestes celeiros

Rimas opostas:
rimas dispostas segundo
a seqüência dos versos: a-
b-b-a

O 1º verso rima com o 4º e
o 2º rima com o 3º.

Ex:

a Num dia de muito sol 1º
a eu estava admirado 2º
b de ver um grilo escora-
do 3º
b nas pernas de um
rouxinol 4º

finição coletiva da história que será narrada. Esse momento, além de estimular a atividade coletiva, contribui na organização lógica das idéias, uma vez que as crianças, primeiro, devem escolher o tema e narrá-lo, organizando oralmente a seqüência lógica dos fatos.

O passo seguinte corresponde à redação da história. Dependendo do estágio de alfabetização em que a criança se encontre, o professor poderá optar por diferentes estratégias de elaboração do Cordel ou ainda utilizar apenas partes dos passos utilizados para tanto, como a revelação de rimas com palavras que pertencem à história narrada.

Aliás, se a criança ainda não ingressou totalmente no mundo da escrita, recomenda-se que o professor, ao invés de solicitar a produção de um cordel, escute uma narrativa desse estilo, incentivando-as a encontrar novas rimas para os versos apresentados. Agora, se a meninada já consegue produzir pequenos textos, pode-se também solicitar que eles iniciem com uma estrofe, organizando a primeira sextilha de outras cinco que se sucederão, pois o trabalho aqui solicitado não se esgota numa única aula, mas pode ser produção de um período maior.

Mas voltando a produção do Cordel. Já falamos da importância da escolha do tema, da organização da narrativa através da contação de história e agora estamos na redação do cordel. Como já vimos, o cordel serve para contar uma história em forma de poesia, assim o processo de narrar a história deve ser precedido da escrita, onde professores e crianças podem dar formato as histórias da comunidade ou ainda a do imaginário popular.

Vamos então contar a história?

O próximo passo é adaptar a narrativa ao formato de cordel. Nessa etapa devemos exercitar a produção de rimas, solicitando que as crianças elaborem estrofes com rimas escolhendo o formato (paralelas, cruzadas ou opostas) e tendo como base o tema gerador da história escolhida no coletivo. Como tudo é começo, recomendamos atividades que contribuam na versificação da narrativa, criando a poesia em quadras.

Ta difícil?? Vamos então exercitar!!!

Dinamização

Na Escola de Ensino Fundamental e Médio Yolanda Queiroz, o professor Pedro João de Abreu desenvolve oficinas de Cordel, realizando um belíssimo trabalho onde o grande objetivo é fortalecer os processos de leitura e de escrita. Dentre as atividades desenvolvidas pelo professor, apresentamos uma que pode contribuir na tarefa de rimar:

Complete obedecendo as regras da rima.

Chamarei nesse _____ “ENCONTRO”
Meu amigo João Mansinho
Com esse seu jeito lento
Seu olhar _____ “DEVAGARINHO”
Se parece com um _____ “JUMENTO”
Levando a canga e _____ “CARINHO”
(Pedro João de Abreu, 2005)

Além da quadra e da sextilha, existem outros tipos de estrofes, que podem variar quanto ao número de versos e linhas.

Tipos de Estrofes:

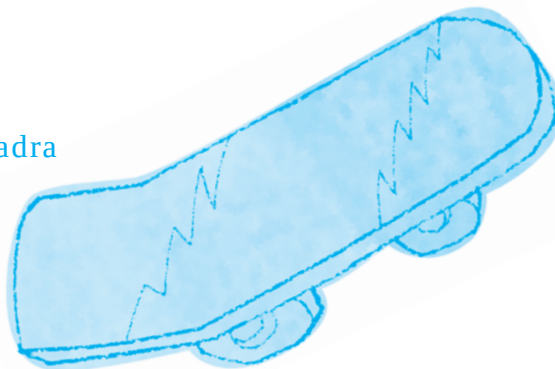
1. De dois versos – dístico
2. De três versos – terceto
3. De quatro versos – quarteto ou quadra
4. De cinco versos – quintilha
5. De seis versos – sextilha
6. De sete versos – septilha
7. De oito versos – oitava
8. De nove versos – nona
9. De dez versos – décima

Já aprendemos o que é verso, o que é rima, o que estrofe e como fazer uma poesia. Aprendemos como podem ser as rimas e como podem ser as estrofes. Estudamos também um pouco da história do Cordel e vimos como esse gênero literário pode ser utilizado no processo de alfabetização e letramento. É preciso lembrar, ainda, que se quisermos contar uma história em forma de versos, é importante

Sextilha é uma estrofe constituída de seis linhas.

Quadra é uma estrofe constituída de quatro linhas.

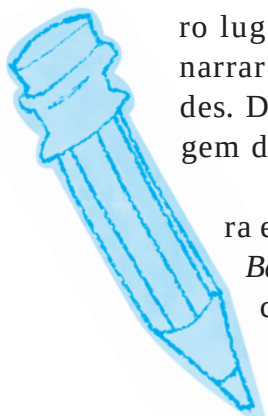
Prosa é a forma natural de falar e escrever a história, sem rimas.



enumerar tudo o que sabemos sobre essa história. Identificar seus personagens, qual a localização espacial e temporal, produzindo um roteiro de tudo o que sabemos e do que queremos na nossa história.

Retornando a Escola...

Ainda na Escola de Ensino Fundamental e Médio Yolanda Queiroz, uma outra atividade desenvolvida consiste na elaboração de um Cordel sobre a comunidade. O professor solicita, em primeiro lugar, a organização de tudo que as crianças sabem e querem narrar – assunto da história, personagens, datas, locais e curiosidades. Depois de tudo prontinho, organiza-se o grupo para a contagem da história em forma de prosa.



Para finalizar, vamos exercitar a fantástica aventura da leitura e da escrita tendo como ponto de partida os cordéis da *Coleção Baião de Letras*. Em seguida, que tal escolher um tema gerador como a história da sua comunidade e produzir seu próprio Cordel?

Não entendeu??!! É hora de escrever textos em forma de rima, para serem lidos e cantados – o cordel.

Referências Bibliográficas

ABREU, Pedro João de. Oficina de Cordel na Escola de Ensino Fundamental e Médio Yolanda Queiroz. Fortaleza: Material xerografado, 2005.

Artigos e Cordéis. Site da Câmara Brasileira de Jovens Escritores, disponível em <http://www.camarabrasileira.com/cordel.htm>. Acesso em 27 de maio de 2006.

Dicionário de Rimas – Língua Portuguesa. Disponível em <http://rimas.mmacedo.net/>. Acesso em 27 de maio de 2006.

LINHARES, Thelma Regina Siqueira. A história da Literatura de Cordel. Site da Câmara Brasileira de Jovens Escritores, disponível em <http://www.camarabrasileira.com/cordel01.htm>. Acesso em 27 de maio de 2006.

Literatura de Cordel e Literatura Oral. Site Sua Pesquisa, disponível em <http://www.suapesquisa.com/cordel/>. Acesso em 27 de maio de 2006.

Ficha Técnica

Elisabeth Gomes Pereira Fireman (Organizadora): Graduada em Pedagogia, especialista em Planejamento Educacional e Informática Educativa (Universidade Estadual do Ceará). Mestre em Informática Educativa e orientadora da Célula de Desenvolvimento Curricular da Secretaria de Educação Básica do Ceará.

Alda Vieira da Silva: Graduada em Teologia, especialista em Leitura e Formação do Leitor e Planejamento Educacional. Técnica em Educação do Núcleo de Educação Especial da Secretaria de Educação Básica do Ceará.

Filomena Maria Lobo Neiva Santos (Lena): Graduada em Pedagogia, especialista em Planejamento Educacional, Dinâmicas Grupais na Escola e Empresa e Gestão Escolar. Mestranda em Planejamento em Políticas Públicas. Supervisora do Núcleo de Educação Infantil da Secretaria de Educação Básica do Ceará.

Germânia Kelly Furtado Ferreira: Graduada em Pedagogia, especialista em Informática Educativa. Mestre em Informática Educativa e orientadora da Célula de Formação do Educador da Secretaria de Educação Básica do Ceará.

Joana D'arc do Nascimento Tavares: Graduada em História, especialista em Construtivismo Sócio-interacionista e Gestão Escolar. Técnica em Educação do Núcleo de Educação Infantil da Secretaria de Educação Básica do Ceará.

Karine Pinheiro de Souza: Graduada em Letras, especialista em Informática Educativa e Metodologia do Ensino Fundamental e Médio. Técnica em Educação do Núcleo de Educação à Distância da Secretaria de Educação Básica do Ceará.

Maria Amália Coelho Lopes: Graduada em Filosofia, especialista em Leitura e Formação do Leitor e Planejamento Educacional. Técnica em Educação da Célula de Formação do Educador da Secretaria de Educação Básica do Ceará.

Maria Helena de Almeida Oliveira: Graduada em Pedagogia e especialista em Controle da Qualidade no Ensino e Aprendizagem. Técnica em Educação do Núcleo de Ensino Fundamental da Secretaria de Educação Básica do Ceará.

Marta Maria Braide Lima: Graduada em Letras, especialista em Estrutura da Língua Portuguesa e Gestão Escolar. Técnica em Educação do Núcleo de Ensino Fundamental da Secretaria de Educação Básica do Ceará.

Nara Lúcia dos Santos Oliveira: Graduada em Teologia, especialista em Leitura e Formação do Leitor e Metodologia do Ensino Fundamental e Médio.

Raimunda Ivelene Martins da Costa: Graduada em Pedagogia, especialista em Educação Pré-Escolar, Leitura e Formação do Leitor e Gestão Escolar. Técnica em Educação do Núcleo de Educação Infantil da Secretaria de Educação Básica do Ceará.

Yedda Freire: Graduada em Pedagogia, especialista em Leitura e Formação do Leitor, Planejamento Educacional e Gestão Escolar. Supervisora do Núcleo de Formação do Educador da Secretaria de Educação Básica do Ceará.

Este livro foi composto na fonte Book Antiqua, corpo 9; 10; 11; 12; 13; 15; 24; 30 e Arial, corpo 10
O miolo foi impresso em papel off-set 75g/m² e a capa em cartão supremo 250g/m².
Editoração Eletrônica, impressão e acabamento nas Edições Bagaço em 2006